



international arts festival
europalia.brasil

 international arts festival
europalia.brasil



Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministra de Estado da Cultura

Anna Maria Buarque de Hollanda

Ministro das Relações Exteriores

Embaixador Antonio de Aguiar Patriota

Embaixador do Brasil na Bélgica

André Mattoso Maia Amado

Chefe do Setor Cultural

Hugo Lorenzetti

COMITÊ NO BRASIL

Comissário geral

Sérgio Mamberti

Diretor executivo

Marcelo Otávio Dantas

Coordenação geral

Myriam Lewin

José do Nascimento Jr.

Representante do Ministério das Relações Exteriores

Joaquim Pedro de Oliveira Penna

Representante do Ministério da Cultura

Martha Mouterde



CINEMA
ARTES CÊNICAS
LITERATURA

O Festival Europalia. Brasil celebrou a cultura brasileira em toda a sua diversidade e criatividade. O Ministério da Cultura do Brasil uniu-se ao Europalia Internacional, entidade organizadora do Festival, para apresentar o melhor da produção artística brasileira em museus, centros culturais, teatros e salas de concertos da mais alta qualidade e reconhecimento na Bélgica, Holanda, Luxemburgo, França e Alemanha. O Programa brasileiro levou ao coração do continente europeu um contingente expressivo de obras, artistas, intelectuais, pensadores e mestres da cultura popular, selecionados por curadores brasileiros, com um olhar próprio sobre a arte e a cultura de nosso país.

A programação do Festival teve o intuito de situar a cultura brasileira no contexto global, desnudando, por intermédio da arte e do pensamento, nossa história, nossa alma e nossa visão de mundo em toda a sua essência e contemporaneidade: heranças do passado, vivências do presente e reflexões sobre o futuro capazes de refletir a imensa riqueza de nossas matrizes culturais e a força inovadora da miscigenação e do sincretismo, surgida da convivência – por vezes tão dolorosa e sofrida – entre os povos que contribuíram para a formação da sociedade brasileira.



O Festival Europalia.Brasil, por sua magnitude, abrangência e relevância estratégica, mostrou-se o mais importante evento cultural internacional promovido pelo governo brasileiro desde o Ano do Brasil na França (2005). Basta lembrar que, para as 16 exposições financiadas pelo governo brasileiro, foram solicitadas e deslocadas cerca de 2.600 obras de arte, das quais 812 eram obras tombadas pelo patrimônio histórico, esforço que configurou a maior saída temporária de obras de arte da história de nosso país. Demais, cabe lembrar que a inauguração do Festival, ocorrida no dia 4 de outubro de 2011, coincidiu com a realização, em Bruxelas, da Cúpula Brasil-União Europeia. A presidente Dilma Rousseff procedeu à abertura solene do evento, juntamente com o rei da Bélgica e os presidentes da Comissão Europeia e do Conselho Europeu.

Com suas 16 exposições financiadas pelo governo brasileiro e mais outras oito financiadas diretamente por parceiros belgas; com seus 554 eventos de música, dança, teatro, literatura, audiovisual e circo; com sua mobilização de mais de mil artistas; e com sua abrangência de cinco países e 71 cidades, o Festival Europalia.Brasil atingiu, em seus 104 dias, um público direto de 1 milhão de pessoas e um público indireto estimado em cerca de 10 milhões de cidadãos europeus (via jornais, rádio e televisão). Os benefícios para o Brasil em termos de imagem no exterior, promoção de sua cultura e projeção de seus interesses internacionais foram incalculáveis. Esta ação do Ministério da Cultura corresponde a papel de país em voga no cenário internacional que o Brasil ocupa atualmente. Nosso desafio consistiu em mostrar que tais atenções vão além do modismo passageiro, e que o Brasil se tornou de fato um protagonista no plano da reflexão e da produção cultural. As exposições e os espetáculos que apresentamos refletiram precisamente a diversidade e a complexidade de nossa cultura, guiando o público à descoberta de um Brasil profundo e sofisticado, mas sempre aberto à transformação criadora e ao diálogo com o mundo que nos cerca.



Realizado de outubro de 2011 a janeiro de 2012, o Festival Europalia dedicado ao Brasil levou ao centro da União Europeia o melhor da produção artística e intelectual brasileira, desde as etapas formativas da nação até seus aspectos mais contemporâneos.

Mais de 70 cidades de cinco países – Alemanha, Bélgica, França, Holanda e Luxemburgo – puderam travar contato, em muitos casos pela primeira vez, com a arte e a cultura do Brasil, nos campos da música, do teatro, da dança, do circo, do cinema, da literatura e das artes visuais.

Dos índios da aldeia Mehinaku, habitantes da Reserva Florestal do Alto Xingu, em Mato Grosso, até representantes da vanguarda musical paulistana; da mais inovadora arquitetura urbana até o mais tradicional samba de roda baiano, o mosaico de cores, formas, sons e movimentos do Brasil chegou à Europa em toda a sua complexidade e diversidade.

Ainda mais importante, buscou-se privilegiar, no trabalho de preparação e de execução do Festival Europalia. Brasil, não o olhar do estrangeiro sobre a cultura alheia – o olhar do exótico e da mera curiosidade – mas a cultura brasileira assim como vista e vivida pelos brasileiros, sejam eles artistas, intelectuais, escritores ou representantes do público em geral.

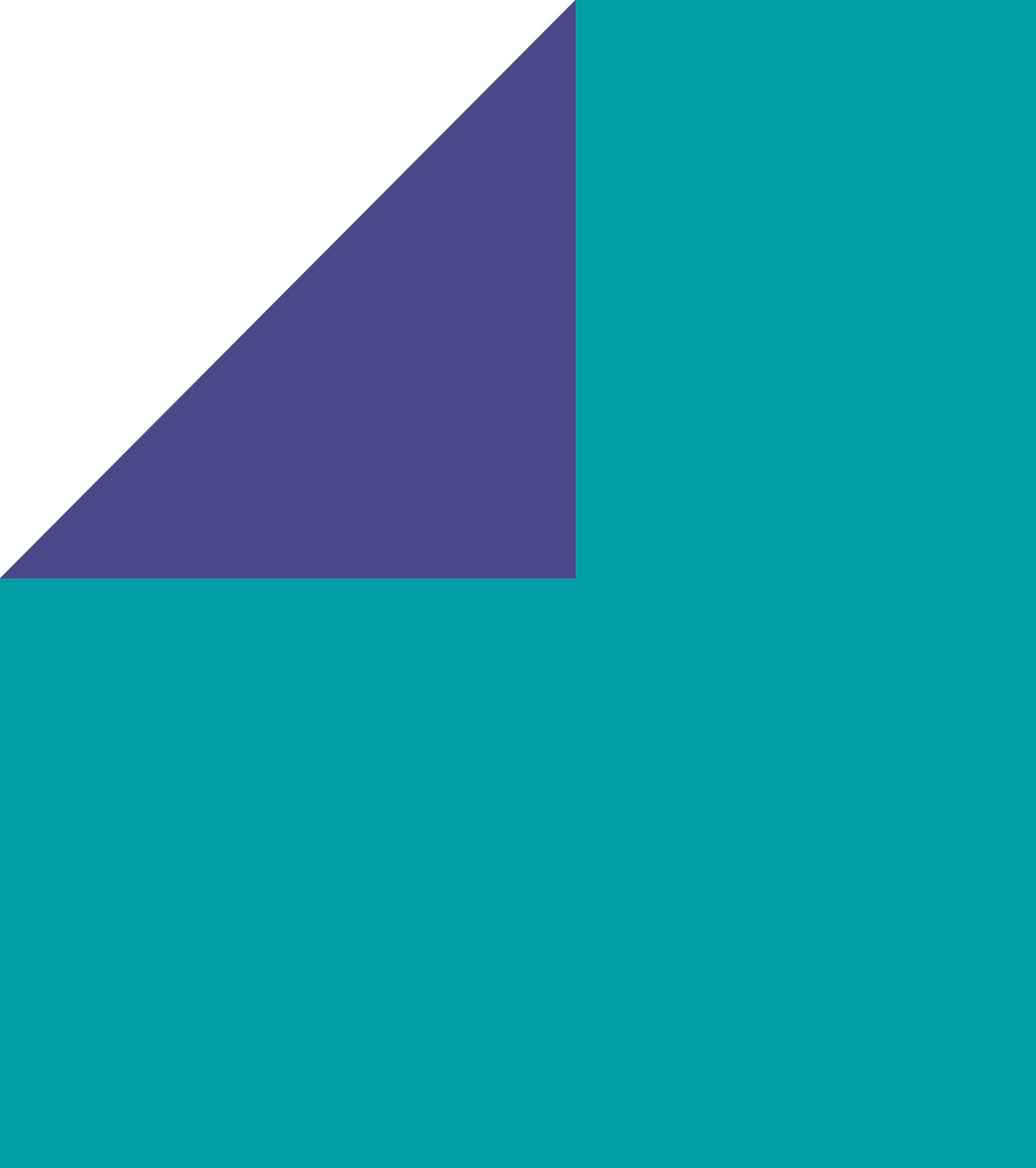
No momento em que aumenta o interesse do resto do mundo pelo Brasil, fruto de maior densidade da presença brasileira no cenário internacional, cresce também nossa responsabilidade de aproveitar a oportunidade da melhor maneira possível, dando à arte e à cultura seu mais profundo significado político.

A inauguração do Festival, que coincidiu com a realização, em Bruxelas, da Cúpula Brasil-União Europeia e contou com a presença da presidente Dilma Rousseff, do rei da Bélgica e dos presidentes da Comissão Europeia e do Conselho Europeu, foi simbólica desse momento vivido pelo Brasil, e do diálogo possível entre a grande política e o esforço de divulgação cultural no exterior.

Resultado de notável esforço de coordenação de diversas áreas do governo brasileiro, o Festival Europolia.Brasil contou, como não poderia deixar de ser, com o apoio decidido do Ministério das Relações Exteriores.

O sucesso da iniciativa, um dos mais importantes eventos de difusão cultural dos últimos anos, reflete também, nesse sentido, o continuado empenho do Itamaraty em prol da promoção de nossa cultura no exterior.

Com a publicação do presente catálogo, pela primeira vez o público, em especial o brasileiro, pode ter em mãos registro abrangente e detalhado do conjunto do Festival Europolia.Brasil, em todos os campos da expressão artística cobertos pela iniciativa, ao mesmo tempo prestação de contas e marco para iniciativas futuras.



AVale reconhece a cultura como uma grande ferramenta de valorização de um povo, de perpetuação de suas manifestações, costumes e crenças. Assim, nos transformamos em uma importante patrocinadora da cultura brasileira, associando nossa marca a projetos que utilizam a arte para sensibilizar e estimular a formação de plateias.

Somos uma empresa de recursos naturais com foco em mineração. Líder mundial na produção de minério de ferro e segunda maior produtora de níquel, estamos entre as principais produtoras de manganês, fertilizantes, cobre e carvão, atuando também em logística e energia. Somos mais de 180 mil pessoas, em 37 países, trabalhando com paixão para criar valor de longo prazo para as comunidades das quais fazemos parte e cuidando do nosso planeta.

A Vale tem orgulho de ter patrocinado o Europolia que, em 2011, celebrou a cultura do Brasil.

O Banco do Brasil, ao longo de mais de 200 anos de história, sempre esteve presente no dia a dia dos brasileiros, participando e apoiando as mais diversas manifestações culturais que expressam valores, costumes e o modo de agir de nosso povo.

Em 1989, para materializar o compromisso permanente com o desenvolvimento cultural de nosso país, foi inaugurado o primeiro Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro (RJ). Além da unidade carioca, foram instalados posteriormente outros dois CCBBs – em Brasília (DF) e São Paulo (SP) – e um quarto será inaugurado em Belo Horizonte (MG).

A atuação abrangente dos CCBBs, que contempla diversas áreas artístico-culturais – artes cênicas, cinema, exposições, ideias, música e programa educativo – a regularidade, o ineditismo, a diversidade e a qualidade da programação fazem com que suas unidades estejam bem posicionadas no ranking das instituições culturais mais visitadas no mundo.

O investimento do Banco do Brasil na cultura vai muito além dos projetos realizados nos CCBBs. Exemplo dessa diversidade foi o patrocínio do projeto Eurolalia.Brasil, que, em 2011, ilustrou a cultura do nosso país com a apresentação de exposições, orquestras, conjuntos musicais, folclore, teatro, dança, literatura, ciências, conferências, cinema, gastronomia e artesanato, de forma a oferecer ao mundo uma visão especial da arte brasileira.

Poder contribuir para a realização desse importante evento reforça o compromisso do Banco do Brasil com o desenvolvimento da cultura e da sociedade brasileiras como um todo.

Reconhecido internacionalmente por suas riquezas naturais, o Brasil surpreende a comunidade global cada vez que demonstra sua multiculturalidade. Muito além do famoso Carnaval, o país abriga manifestações artísticas diversas, com origem nas diferentes etnias que construíram nossa nação ao longo de sua história. Contribuir para que os europeus tivessem uma mostra de toda essa diversidade era o principal objetivo da Tractebel Energia ao apoiar o Europalia.Brasil 2011, em parceria com o Ministério da Cultura.

Ao longo de quatro meses, a comunidade europeia pôde conhecer um pouco mais da cultura brasileira em suas mais diferentes formas – da música à ciência, passando por manifestações como teatro, artes plásticas, dança, cinema, literatura, *design* e gastronomia, entre outras.

Estamos certos de que, durante o Festival, o Brasil exibiu toda a sua criatividade, personificada por artistas consagrados e novos talentos, representantes de sua cultura. Cultura esta que a Tractebel Energia valoriza e fomenta por meio de diversos projetos sociais desenvolvidos nas regiões em que atua. Hoje, a Companhia está presente em 12 estados brasileiros, onde opera 22 usinas voltadas para a geração de energia elétrica. No contato com a comunidade de cada uma dessas regiões, vivenciamos diariamente a riqueza apresentada no Europalia.Brasil 2011 e reforçamos nosso compromisso de colaborar para sua conservação e disseminação.



International Arts Festival

europalia.brasil

DANÇA

TEATRO

CIRCO

CINEMA

LITERATURA

MÚSICA

EXPOSIÇÕES

O FESTIVAL

04.10.2011 ▶ 15.01.2012

O Festival Europalia. Brasil fez de Bruxelas capital cultural brasileira entre 4 de outubro de 2011 e 15 janeiro de 2012. Durante 104 dias, uma seleção de obras e artistas de música, teatro, literatura, circo, dança, cinema e artes visuais brasileiros desembarcou na metrópole, sede da União Europeia, gradualmente construindo no imaginário dos belgas um painel representativo da riqueza, complexidade e diversidade da cultura nacional. A exposição do público europeu à cultura brasileira também se estendeu em um circuito que abrangeu outras 70 cidades na Bélgica, Holanda, França, Alemanha e em Luxemburgo, alcançando ao todo 1 milhão de pessoas diretamente e outros 10 milhões indiretamente.

No lançamento do Festival, em junho de 2011, a ministra da Cultura, Ana de Hollanda, anunciou, citando um verso do compositor baiano Assis Valente: "Chegou a hora dessa gente bronzada mostrar seu valor!". A promessa foi cumprida. Um balanço das atividades organizadas pelo governo brasileiro (houve ainda iniciativas lideradas pela Bélgica) produziu um panorama expressivo, só comparável ao do Ano do Brasil na França, em 2005, com 554 eventos de artes cênicas, música, cinema e literatura e cerca de mil artistas envolvidos. As artes visuais merecem destaque à parte. As 16 exposições de curadoria brasileira (além das oito produzidas pelos parceiros belgas) reuniram cerca de 2.600 obras de arte, das quais 812 tombadas pelo patrimônio histórico. Nunca antes tantas obras de arte históricas haviam sido deslocadas para o exterior para um só projeto.

Se a magnitude do Festival já seria suficiente para cativar as audiências mais sofisticadas, o interesse pelo Europalia. Brasil certamente foi intensificado por um contexto favorável. Os avanços sociais e o desenvolvimento econômico registrados no Brasil, particularmente na última década, e o crescente protagonismo do país no cenário internacional aguçaram o interesse pela nação na Europa. A imprensa europeia refletiu o impacto da onda brasileira, com títulos como "A metamorfose do Brasil" (*Le Soir*) e "Revelando o Brasil para o mundo" (*La Libre Belgique*).

Os títulos dos jornais são um indício de que, além de incentivarem e difundirem a cultura brasileira, eventos como o Europalia. Brasil também se constituem em um meio importante de projeção da imagem do país e de consolidação de relações internacionais entre o Brasil e outras nações, como resumiu, na abertura do Europalia. Brasil, em 4 de outubro de 2011, a presidenta Dilma Rousseff: "O diálogo que estabelecemos hoje é mais um passo no aprofundamento do conhecimento mútuo fundamental para a construção do mundo mais democrático, aberto e plural que todos queremos".

► O Europalia

O Brasil foi o primeiro país da América do Sul homenageado pelo Festival Internacional de Artes Europalia, um dos principais eventos culturais da Europa. Criado em 1969, o Festival tem caráter multidisciplinar e se realiza a cada dois anos na Bélgica e em nações vizinhas sempre com o objetivo de promover e divulgar a riqueza da cultura do país convidado.

Inicialmente devotado apenas aos países europeus, o Europalia posteriormente ampliou o foco para as demais regiões do globo e, nos últimos anos, tem se dedicado aos BRICS – bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Assim, depois da Rússia (2005) e da China (2009), o Festival elegeu o Brasil como o país homenageado de 2011. A Índia será o tema do Europalia em 2013.

A direção do Festival fez o convite ao Brasil em visita a Brasília, em julho de 2009. Em 4 de outubro do mesmo ano, foi assinado um protocolo de intenções durante visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Bélgica. Em 20 de maio de 2010, foi a vez de o príncipe herdeiro da Bélgica, Phillipe, vir ao Brasil – ocasião em que o ministro da Cultura, Juca Ferreira, e o embaixador belga, Claude Misson, firmaram acordo definindo responsabilidades na organização do Festival.

No segundo semestre de 2010, formou-se um grupo de trabalho provisório, que daria origem em novembro ao Comissariado Brasileiro do Festival Europalia, chefiado pelo secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura, Sérgio Mamberti, e integrado também por representantes do Ministério da Cultura, do Ministério das Relações Exteriores, Fundação Nacional das Artes (Funarte) e Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). O grupo teve ainda apoio da Embaixada do Brasil em Bruxelas. Do lado europeu, foi designado comissário-geral um conhecedor do Brasil: o ex-presidente da Volkswagen do Brasil, Pierre Alain de Smedt, hoje presidente da Federação de Indústrias da Bélgica. Kristine de Mulder, coordenadora do Europalia Internacional, assumiu a diretoria executiva.

Nos meses seguintes, o Comissariado teve como tarefa a formação de uma equipe de curadores responsáveis pela seleção de obras, artistas e espetáculos para integrarem as diversas áreas do Festival, definidas como música; artes cênicas (dança, teatro e circo); literatura; cinema e artes visuais. Para compor o grupo de trabalho, seriam escolhidos profissionais que, além de reconhecidos pelo domínio das diversas artes envolvidas, também tivessem experiência na organização de eventos internacionais.

O artista plástico Adriano de Aquino, com sua experiência como secretário de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e diretor de Artes Visuais da Funarte, foi designado curador-geral. Para a curadoria de música, foi nomeado o compositor e intérprete Benjamim Taubkin, enquanto a seleção de teatro, dança e circo ficou a cargo do produtor João Carlos Couto. Ambos são conhecidos nacionalmente por sua atuação como coordenadores de eventos culturais. Para as demais curadorias, o Comissariado elegeu integrantes da estrutura do Ministério da Cultura. No caso da literatura, foi indicada a pesquisadora Flora Süssekind, da Casa de Rui Barbosa; em cinema, a equipe da Cinemateca Brasileira, tendo Vivian Malusá e Carlos Magalhães à frente.

Com sua experiência como artista e gestor no campo das artes visuais, o curador-geral indicou ao Comissariado um curador especializado no tema de cada exposição. Também houve a participação de dois especialistas europeus nas exposições Índios no Brasil e Terra Brasilis.

Cada um dos curadores atuou de maneira autônoma segundo as linhas gerais estabelecidas por Adriano de Aquino, que se preocupou em garantir a coesão e a complementaridade do programa. O curador-geral acompanhou de perto as atividades da área das artes visuais, em que trabalhou com os curadores de cada exposição na elaboração de projetos específicos.

► A proposta

Ao decidir aceitar o convite para participar do Europolia, o governo brasileiro viu na iniciativa uma oportunidade para atingir vários objetivos: promover a imagem do Brasil na Europa, com a valorização da cultura brasileira nos seus muitos aspectos e gêneros; ampliar o diálogo com a União Europeia, fortalecendo relações em áreas como turismo, educação, novas tecnologias e comércio, cujas atividades apresentam grande interação com o setor cultural; e gerar novas oportunidades para os artistas brasileiros, com a abertura de mercados, o estabelecimento de intercâmbios, o fomento à criação artística e o incentivo à participação em festivais, mostras e feiras internacionais.

Desde as primeiras discussões sobre o projeto, foi definido que a atuação brasileira no Festival seria orientada por linhas estratégicas, a serem adotadas pelos curadores e por toda a equipe. O primeiro desses princípios foi garantir a apresentação de um painel da cultura brasileira capaz de representar o vigor, a complexidade e a profundidade da história e da cultura brasileiras, sem o recurso a clichês e banalizações que ainda são, muitas vezes, associados ao país no exterior. Outro esforço foi evitar a concentração excessiva em uma ou mais regiões do país, incorporando às obras e aos grupos selecionados representantes das diferentes áreas do Brasil, com suas distintas tradições e linguagens.

"Esse Festival é uma janela de oportunidades para contatos com o público, com curadores e instituições culturais europeias. Um dos meus objetivos é oferecer às organizações internacionais de arte e cultura uma grade de artistas e curadores mais aberta, desvinculada dos interesses de indivíduos ou grupos. Mais artistas e curadores brasileiros atuando no cenário europeu, difundindo nossa arte, é melhor para todos e bom para o país", disse Adriano de Aquino em entrevista em março de 2011.

► Os projetos

A diversidade foi a base sobre a qual foram desenhados os projetos setoriais de todas as linguagens apresentadas no Festival Europalia. Brasil. Assim, a curadoria de música, de Benjamim Taubkin, se propôs a apresentar exemplos da produção de cada região, abrangendo a música tradicional, popular, pop, eletrônica, erudita, contemporânea e instrumental. Outra diretriz importante foi não incluir apenas os artistas já reconhecidos pela mídia: grupos e propostas menos consagrados também seriam selecionados.

No campo das artes cênicas, o curador valorizou manifestações populares – em grupos tradicionais de maracatu, frevo e samba de roda, entre outras – e o diálogo dessas expressões com o teatro e a dança. Conexões entre teatro e literatura, dança e artes visuais também ganharam destaque, pela riqueza das referências utilizadas e por sua capacidade de motivar o interesse pelas várias áreas temáticas do Festival. Por fim, João Carlos Couto buscou incluir linguagens, métodos e estéticas que construíssem uma identidade cênica essencialmente brasileira e selecionar companhias que trabalhassem em espaços não convencionais, renovando as relações entre palco e plateia, ou ainda que desenvolvessem projetos em comunidades de baixa renda, em projetos de inclusão social através da arte.

Em relação às artes visuais, o projeto de Adriano de Aquino desenhou 16 exposições, módulos que, considerados juntos, comporiam um panorama representativo de experiências, períodos e linguagens da arte brasileira. As mostras abrangeram a produção nacional da arte indígena à arquitetura, da fotografia à gravura, das pinturas e dos desenhos de europeus sobre o Brasil colonial e imperial à arte contemporânea, passando por joalheria, *design*, arte afro-brasileira, a singular obra de Artur Bispo do Rosário e representações de uma das mais famosas paisagens do Rio de Janeiro – Copacabana.

Responsável pela programação de literatura, Flora Sússekind articulou um conjunto de palestras, exposições e seminários sobre a produção literária e suas tensões com a sociedade brasileira, das questões de gênero à segurança pública. Como nas artes cênicas, valorizar a relação da literatura com outras artes, característica da multidisciplinar produção contemporânea, também foi uma orientação da curadoria, com o planejamento de performances e exposições de escritores que também atuam como artistas plásticos. A pesquisadora da Casa de Rui Barbosa preocupou-se ainda em oferecer diferentes experiências da literatura (com leituras, versões digitais de trabalhos e produção de antologias especiais para o evento) e em realizar seminários que motivassem o debate e a reflexão crítica. Na seleção de autores, a organizadora decidiu combinar escritores já traduzidos no exterior e conhecidos dos belgas com jovens poetas.

A equipe da Cinemateca Brasileira responsável pelo setor audiovisual decidiu dar maior destaque aos cineastas e aos títulos importantes na história da cinematografia brasileira, de visibilidade reduzida no circuito comercial internacional. Dos filmes silenciosos ao cinema *underground* da Boca do Lixo, passando pelo já clássico Cinema Novo, partiu-se da ideia de valorizar não só os diferentes gêneros e movimentos da história do cinema, mas também o papel de longas e curtas que tornaram visíveis a geografia e as múltiplas experiências de vida brasileiras.

Definidos os conceitos, os curadores e o Comissariado tiveram, em alguns casos, de superar dificuldades para implantar suas visões. A programação do Europolia é definida em parceria com os diretores das centenas de espaços utilizados: foi portanto necessário adequar as propostas brasileiras às expectativas belgas. A barreira linguística seria um fator importante nas decisões sobre a programação nos campos do teatro e do cinema. No campo da música, manifestação da cultura brasileira mais conhecida no exterior, havia demanda por artistas populares na Europa, vencida em nome de uma programação mais surpreendente. Na literatura, foi constatado um reduzido conhecimento sobre a produção nacional. Com muitas reuniões, trocas de mensagens e arquivos e muita conversa, foi possível construir um Festival plural, diverso e inovador nas suas propostas, que efetivamente contribuiu para renovar as percepções sobre a cultura brasileira.

► Preparativos

A missão do MinC em Bruxelas, entre os dias 20 e 22 de junho, liderada pela ministra da Cultura Ana de Hollanda, foi parte da preparação do Europolia.Brasil. Durante os três dias, a ministra, o embaixador do Brasil para o Reino da Bélgica, André Amado, e os curadores visitaram os principais locais em que seria organizado o evento. A ministra também participou de uma coletiva de lançamento do Europolia, à qual compareceram mais de 50 jornalistas. "Sempre fomos um país admirado no exterior pela força de nossa cultura. Hoje, no entanto, chegamos aqui com algo mais. Chegamos com a altivez de uma nação que está avançando nas conquistas sociais sem perder a delicadeza de seu espírito", disse a ministra.



O posicionamento encontrou eco em um dos principais jornais belgas, o *Le Libre*, que afirmou que o Europalia.Brasil seria a chance de o "gigante econômico" emergir também como "gigante cultural".

O conde George Jacobs, *chairman* da fundação que promove o Festival, comentou sobre essa expectativa na coletiva, no Palácio de Egmont, em Bruxelas: "O evento será ocasião para nós, europeus, conhecermos o Brasil para além da economia, para além dos estereótipos". A ministra complementou o raciocínio em um almoço oferecido pelo ministro das Relações Exteriores da Bélgica: "O Brasil consumiu a Europa por muito tempo, e esse processo culminou com a antropofagia modernista; agora, é a vez de os europeus nos consumirem".

Naquela época, o Commissariado estabelecia parcerias com a iniciativa privada para apoiar o financiamento do Festival. Vale, Tractebell e Banco do Brasil se tornariam as empresas apoiadoras do evento realizado na capital que sedia as instituições da União Europeia.

Em 18 de setembro, a abertura do Club.Brasil, no Dynastie Hall do Mont des Arts, centro de Bruxelas, serviu como prévia do que viria com a inauguração do evento. Num dia festivo, em que a Bélgica celebrava o Domingo sem Carro, batucada e capoeira ganharam as ruas. Localizado próximo ao Bozar e às principais exposições do evento, durante os meses que se seguiram, o Club foi um ponto de encontro e referência do Festival. No ambiente colorido e transformado pelas intervenções do seu idealizador, Marcello Dantas, era possível receber material de divulgação sobre o Brasil e sua cultura, assistir a atrações gratuitas e experimentar comida e bebida tipicamente brasileiras.

► A abertura

Bruxelas amanheceu enfeitada com as bandeirinhas típicas de festas juninas em 4 de outubro de 2011, data da inauguração do Europalia.Brasil. Referência tanto às festas populares quanto à obra de um dos principais pintores brasileiros, Volpi, a decoração simbolizava bem as características da 23ª edição do Festival internacional: a mistura de cultura erudita e popular e a festa como um aspecto importante da cultura brasileira.

A abertura oficial no salão nobre do Bozar, o Palácio das Belas Artes de Bruxelas, teve a participação do rei e da rainha da Bélgica, Alberto II e Paola. A cerimônia começou com o discurso do conde Jacobs de Hagen, presidente do Europalia International, que prometeu "mostrar que não existe apenas um Brasil, mas diversos Brasis, cuja cultura, desconhecida na Europa, é incrivelmente rica e diversificada". Logo depois, a ministra da Cultura, Ana de Hollanda, agradeceu a iniciativa belga: "Nenhuma cultura pode viver isolada. Para sermos ainda mais brasileiros, precisamos ser cada vez mais abertos e plurais".



Venham encontrar o Brasil que a Europa já conhece mas também o Brasil que ela ainda não vê. Terra da arte popular e erudita, tradicional e inovadora, do sertão e das periferias urbanas, de uma pujante indústria criativa.



Dilma Rousseff

Presidente da Comissão Europeia, José Manuel Barroso acrescentou à festa um depoimento pessoal. "Sinto-me, enquanto português, verdadeiramente emocionado quando estou em contato com as múltiplas expressões dessa riqueza cultural", mencionando criadores como o arquiteto Oscar Niemeyer e o compositor Antônio Carlos Jobim. Já Yves Leterme, primeiro-ministro belga, citou versos de Oswald de Andrade – "América do Sul/América do Sol" – e prometeu, numa alusão às dificuldades atravessadas pela economia europeia: "Não importa o que os próximos meses possam trazer, o inverno aqui será ensolarado".

A presidenta Dilma Rousseff foi a última a discursar no salão embandeirado do Bozar. Assistida pelo ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, Dilma citou a importância da cultura como agente de transformação da sociedade e descreveu a "rica diversidade étnica e cultural e nossa capacidade de conviver em paz nessa diversidade" como uma contribuição do Brasil para um mundo em mudança.

Ela continuou, lembrando a constituição da sociedade brasileira: "A diversidade cultural no Brasil integra nossas raízes históricas. Somos um país mestiço, no qual migrantes de todas as regiões do mundo somaram-se às três matrizes constitutivas do povo brasileiro: a indígena, a europeia e a africana, numa mistura que nos orgulha e define". A reflexão foi compartilhada pelo primeiro-ministro belga, Yves Leterme, que elogiou a rica cultura brasileira e a diversidade racial que compõe a população do país.

A presidenta anunciou que o Festival – um "esforço inédito estruturado de apresentação da cultura brasileira" – mostraria não só o patrimônio cultural e suas tradições, mas "a cultura viva, em movimento permanente". E completou: "Convido todos que queiram, sem preconceitos, a conhecer um pouco da reflexão do Brasil sobre si mesmo e sobre o mundo".

O grupo de percussão Barbatuques encerrou a solenidade com uma apresentação em que tocaram ritmos brasileiros usando os próprios corpos como instrumento. Nas ruas da capital, apresentações da citada cultura em transformação, combinação de tradição e modernidade, animaram a terça-feira dos belgas: bumba meu boi, teatro de rua e dança contemporânea marcaram o dia.

A agenda oficial e diplomática, no mesmo 4 de outubro, não se encerrou com a abertura no Bozar: foi inaugurada a 5ª Conferência de Cúpula entre Brasil e União Europeia, na qual a presidenta Dilma Rousseff comprometeu-se a intensificar a colaboração com os países do continente europeu para enfrentar os efeitos da crise financeira mundial. A ministra da Cultura, Ana de Hollanda, e a comissária para a Educação, Formação, Cultura e Juventude da Comissão Europeia, Androulla Vassiliou, assinaram um programa conjunto para ampliar o intercâmbio na área da cultura, com políticas públicas de promoção e proteção do patrimônio cultural e estruturação de políticas para o desenvolvimento da economia criativa, bem como o aprimoramento da cooperação em projetos audiovisuais. O programa foi discutido como parte da Cúpula em mesa redonda que reuniu a ministra Ana de Hollanda, integrantes da Comissão Europeia, representantes do MinC e gestores e empresários da Europa e do Brasil.

Nos dias anteriores e logo após a abertura do Europolia, muitos jornais e revistas europeus abriram espaço para o Festival. Alguns trouxeram títulos que pareciam assinalar o impacto da transformação da imagem brasileira, como os já mencionados "A metamorfose do Brasil" (*Le Soir*) e "Revelando o Brasil para o mundo" (*La Libre Belgique*), além de "O país que devorou a Europa" (*De Standaard*) e "Novas bossas e sambas de ontem e hoje" (*Le Soir*). As exposições, como Terra Brasilis e Brazil. Brasil, foram o maior destaque na imprensa mas, ao longo dos meses seguintes, shows, mostras de cinema e peças de teatro também tiveram visibilidade nos jornais e nas revistas do país.

► Mistura brasileira

De 4 de outubro de 2011 a 15 de janeiro de 2012, foram mais de três meses de shows, concertos, espetáculos de dança, teatro e circo, performances, exibição de filmes, debates, palestras e exposições. O público do Europolia.Brasil interessado em música pôde conferir uma extensa variedade de atrações, do choro de Mauricio Carrilho às batidas eletrônicas do DJ Tudo; do clássico erudito de Antonio Menezes ao clássico popular da Velha Guarda da Portela; de Egberto Gismonti a Tom Zé, entre 58 espetáculos.

Nas artes cênicas, houve lugar para Zé Celso Martinez Corrêa e seu Teatro Oficina e para Marcelo Evelin e o Núcleo do Dirceu; para o Grupo Corpo e Cena 11; para o Balé Folclórico da Bahia e a Intrépida Trupe, numa lista de 21 programas. No cinema, Eduardo Coutinho e Suzana Amaral estiveram entre os palestrantes, complementando uma programação que ia do silencioso clássico *Limite*, de Mário Peixoto, às obras de José Mujica Marins, o Zé do Caixão.

Em literatura, o programa contou com atuações de Augusto de Campos e Nuno Ramos, performances, lançamento de antologias e palestras de nomes consagrados, como Luiz Eduardo Soares e Sérgio Sant'Anna, que se alternaram com participações de jovens autores, como Ricardo Domeneck e Veronica Stigger.



Como uma viagem incomum ao coração da diversidade da cultura brasileira, o Festival coloca em cena todas as práticas artísticas e os ícones do Brasil. Este país, que tem a reputação de estar constantemente em movimento e voltado para o futuro, tem o desenho de sua origem moldado na mistura étnica de seus diferentes povos.

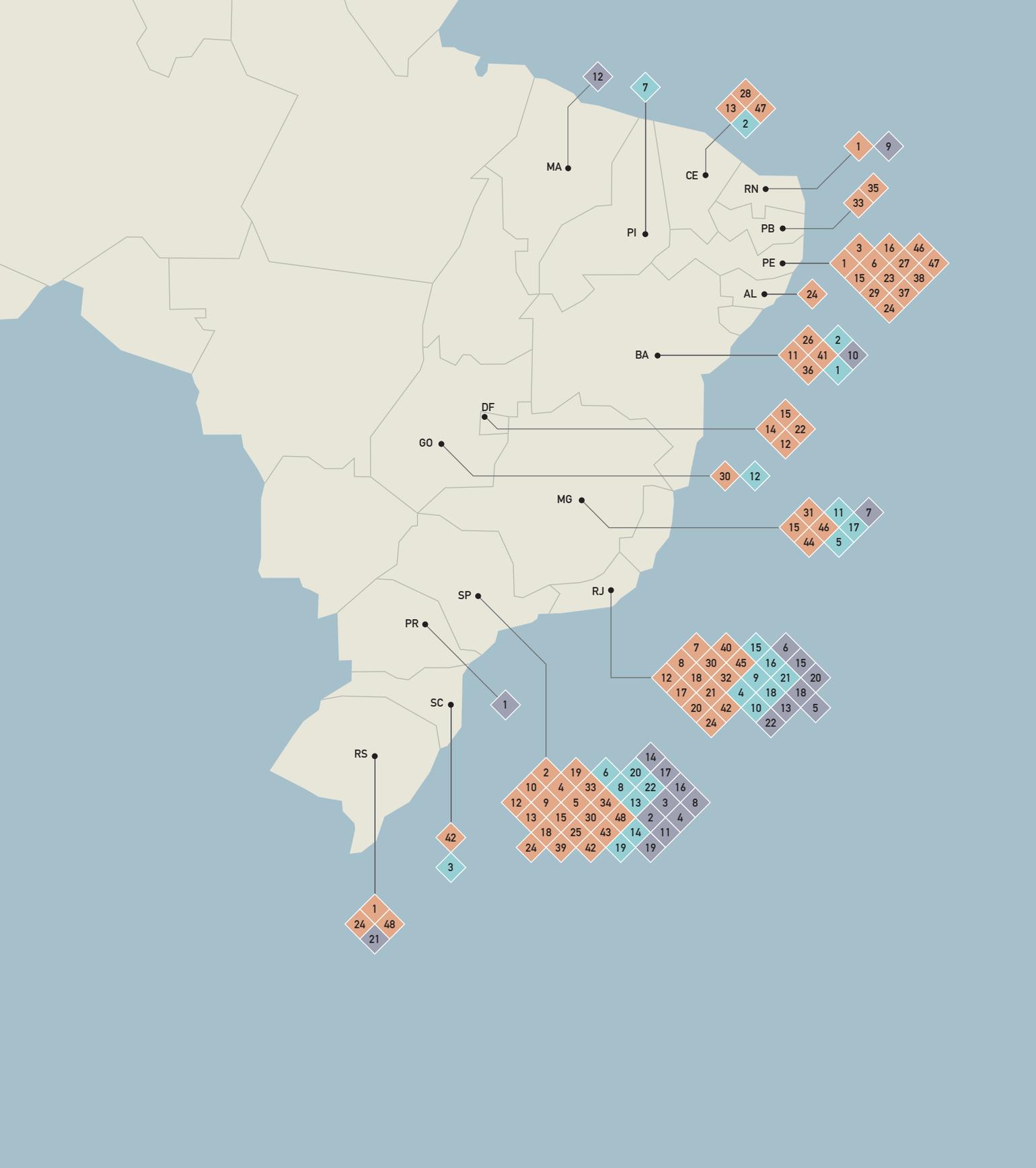
France Soir, 18.11.2011

Por fim, as 16 exposições foram sucesso de público, com várias das mais conhecidas obras-primas das artes brasileiras, atraindo visitantes. Esculturas de Aleijadinho, quadros de Victor Meirelles, Portinari e Cícero Dias; obras de Hélio Oiticica, Lygia Clark, Cildo Merelles e Walmécio Caldas; os mantos de Bispo do Rosário, projetos de *design* e arquitetura, entre muitos outros trabalhos importantes, foram alguns dos itens admirados.

As matrizes indígena e africana, seminais para a formação da cultura brasileira, foram contempladas com mostras especiais. A herança dos escravos foi tema de duas exposições: Incorporações: arte brasileira contemporânea e Pérolas da Liberdade: joalheria afro-brasileira. A primeira valorizou a crescente participação de artistas de origem negra na produção contemporânea, incluindo homenagens ao fotógrafo Mario Cravo Neto e ao artista Caetano Dias. Já a segunda reuniu, além de adereços, fotografias, desenhos e pinturas para abordar o uso da joalheria por escravos africanos e sua influência sobre a indumentária no Brasil.

Uma das maiores do Festival, a mostra Índios no Brasil utilizou cerca de 400 peças para apresentar a cultura dos povos indígenas passada e atual. A cultura indígena também foi destaque no Europalia. Brasil com as apresentações dos índios do povo Mehinaku. Atração muito esperada, o grupo deixou a sua reserva no Alto Xingu para fazer apresentações em Bruxelas, Neerpelt e Amsterdam.

Em 15 de janeiro, o ministro interino da Cultura, Vitor Ortiz, o comissário geral do Europalia, Pierre Alain de Smedt, o embaixador brasileiro na Bélgica, André Amado, e o presidente da Funarte, Antonio Grassi, encerraram o festival. Ortiz entregou à brasileira Regina Barbosa, residente em Bruxelas, o certificado de premiação do Ponto de Memória do projeto MEBrasil – um ponto de memória, que pretende valorizar a cultura brasileira a partir dos fluxos migratórios para este país nos últimos 30 anos. "Esperamos, a partir de agora, outras cooperações". Pierre Smedt fez um balanço do evento: "Nenhum país fez um investimento tão forte em um festival como fez o Brasil, que mostrou que a imagem global da cultura brasileira é a diversidade". E concluiu: "A saudade, a emoção e o amor do país vão ficar aqui".



ARTES CÊNICAS

1. BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA
2. BALÉ TEATRO CASTRO ALVES
3. CENA 11 CIA DE DANÇA
4. DANI LIMA+ALEX CASSAL
5. GRUPO CORPO
6. LIA RODRIGUES COMPANHIA DE DANÇAS
7. MARCELO EVELIN & NÚCLEO DO DIRCEU
8. MARTA SOARES
9. MEMBROS CIA DE DANÇA
10. MICHEL GROISMAN
11. MIMULUS CIA DE DANÇA
12. QUASAR CIA DE DANÇA
13. ANTÔNIO ARAÚJO & TEATRO DA VERTIGEM
14. CIBELE FORJAZ & MUNDANA COMPANHIA
15. ENRIQUE DIAZ & CIA DOS ATORES
16. GRANDE COMPANHIA BRASILEIRA DE MYSTERIOS E NOVIDADES
17. GRUPO GIRAMUNDO
18. INTRÉPIDA TRUPE
19. NAU DE ÍCAROS
20. PIA FRAUS
21. ROBERTO ALVIM
22. ZÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA & TEATRO OFICINA

LITERATURA

1. ALICE RUIZ
2. ARNALDO ANTUNES
3. AGUSTO DE CAMPOS
4. BEATRIZ BRACHER
5. BEATRIZ RESENDE
6. BERNARDO CARVALHO
7. CHICO ALVIM
8. DANIEL GALERA
9. JOÃO ALMINO
10. JOÃO UBALDO RIBEIRO
11. LOURENÇO MUTARELLI
12. LU MENEZES
13. LUIZ EDUARDO SOARES
14. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES
15. MARÍLIA GARCIA
16. NUNO RAMOS
17. ODILON MORAES
18. PAULA GLENADEL
19. RICARDO DOMENECK
20. SÉRGIO SANT'ANNA
21. VERONICA STIGGER
22. ZUCA SARDAN

MÚSICA

1. ACORDEÕES DO BRASIL - RENATO BORGHETTI
+OLIVINHO+LULINHA ALENCAR
2. ALESSANDRO PENEZZI & ALEXANDRE RIBEIRO
3. ANTONIO MENESES+MARIA JOÃO PIRES
4. ARNALDO ANTUNES
5. BARBATUQUES
6. BONGAR
7. BOTECOLETRO
8. CAITO MARCONDES - PASSARIM
9. CAMERATA ABERTA
10. CÉU
11. CHICO CORREA & POCKETBAND
12. CHORO PROJECT - MAURICIO CARRILHO
+TONINHO CARRASQUEIRA+RUI ALVIM+ANA RABELLO
+PROVETA+PAULO ARAGÃO+PEDRO ARAGÃO
+PEDRO PAES+AQUILES MORAES+MARCUS THADEU
13. CIDADÃO INSTIGADO+MAURO PAWLOWSKI
14. DJS CRIOLINA
15. DJ TUDO E SUA GENTE DE TODO LUGAR
16. DONA CILA E SEUS PUPILLOS
17. EGBERTO GISMONTI+ORQUESTRA CORAÇÕES FUTURISTAS
18. FAMÍLIA ASSAD - SERGIO ASSAD+ODAIR ASSAD
+BADI ASSAD+CLARICE ASSAD+CAROLINA ASSAD
19. FERNANDO SARDO+GEM+DAUU
20. GAFIEIRA 8
21. GUINGA
22. HAMILTON DE HOLANDA
23. HELDER VASCONCELOS & BOI MARINHO
24. HERMETO PASCOAL & SEXTETO
25. HURTMOLD
26. LETIERES LEITE & ORKESTRA RUMPILLEZ
27. MACIEL SALU
28. MARLUI MIRANDA
29. NANÁ VASCONCELOS
30. NOITE DOS VIOLÕES - FABIO ZANON+ULISSES ROCHA
+PAULO BELLINATI+ROGÉRIO CAETANO+DOUGLAS LORA
+JOÃO LUIZ LOPES+MARCUS TARDELLI+ODAIR ASSAD
31. PAULA SANTORO
32. PEDRO LUÍS E A PAREDE
33. PEDRO OSMAR & LOOP B
34. QUINTETO CHICO PINHEIRO
35. QUINTETO DA PARAÍBA
36. SAMBA CHULA DE SÃO BRAZ
37. SIBA E A FULORESTA
38. SILVÉRIO PESSOA
39. TATIANA PARRA 4TET
40. TERESA CRISTINA
41. TOM ZÉ
42. TOOTS THIELEMANS & AMIGOS - ELIANE ELIAS+IVAN LINS
+AIRTO MOREIRA+MARC JOHNSON+OSCAR CASTRO-NEVES
43. TULIPA RUIZ
44. UAKTI
45. VELHA GUARDA DA PORTELA
46. VIOLEIROS DO BRASIL - HUGO LINS+PEREIRA DA VIOLA
+IVAN VILELA+ADELMO ARCOVERDE
47. VJ MILENA SÁ+DJ DOLORES
48. YAMANDU COSTA+ROBERTO MINCZUK+ONB



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA
BALÉ TEATRO CASTRO ALVES
CENA 11 CIA DE DANÇA
DANI LIMA+ALEX CASSAL . GRUPO CORPO
LIA RODRIGUES COMPANHIA DE DANÇAS
MARCELO EVELIN & NÚCLEO DO DIRCEU
MARTA SOARES . MEMBROS CIA DE DANÇA
MICHEL GROISMAN . MIMULUS CIA DE DANÇA
QUASAR CIA DE DANÇA

ARTESCÊNICAS

DANÇA+TEATRO+CIRCO

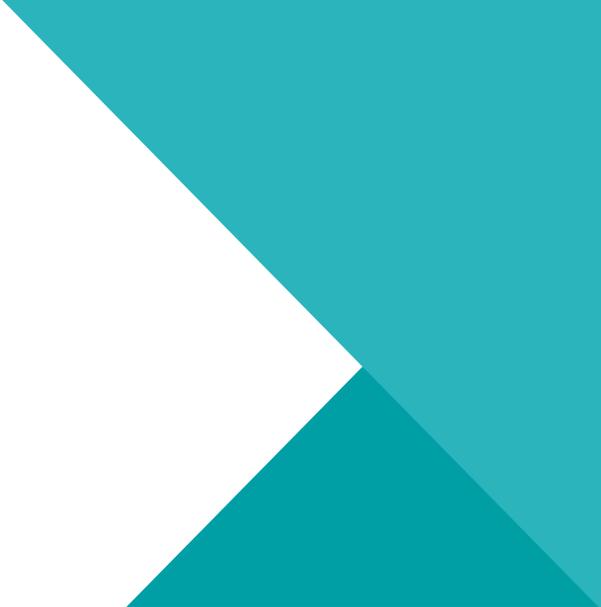
ANTÔNIO ARAÚJO & TEATRO DA VERTIGEM
CIBELE FORJAZ & MUNDANA COMPANHIA
ENRIQUE DIAZ & CIA DOS ATORES
GRANDE COMPANHIA BRASILEIRA DE MYSTERIOS E NOVIDADES
GRUPO GIRAMUNDO . INTRÉPIDA TRUPE
NAU DE ÍCAROS . PIA FRAUS . ROBERTO ALVIM
ZÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA & TEATRO OFICINA



Nos palcos, os vários sotaques e estilos das artes cênicas

Organizar uma programação que traduzisse a diversidade cultural brasileira, do erudito ao popular, do experimental ao tradicional, passando por várias gerações, métodos e linguagens, era o desafio proposto ao curador responsável pelo setor de Artes Cênicas do Festival Europalia.Brasil, João Carlos Couto. O produtor paulista acrescentou mais uma meta ao projeto: incluir artistas de dança, teatro e circo das várias regiões brasileiras. "Não queria ficar restrito a Rio e São Paulo, nem me limitar a trabalhos que já têm uma aceitação muito grande no exterior. Nossa proposta era incluir também grupos e companhias que não haviam ainda se apresentado na Europa, artistas cujo trabalho não é tão conhecido e que, portanto, têm mais dificuldade de abrir um caminho", diz Couto.

A meta foi cumprida. O Europalia.Brasil reuniu 26 companhias e artistas, que fizeram 88 apresentações, assistidas por um público de cerca de 30 mil pagantes. Entre as companhias de dança, tanto houve lugar para a tradição do Balé Folclórico da Bahia quanto para a performance de Michel Groisman, passando pelas várias vertentes da dança contemporânea, de Lia Rodrigues a Marcelo Evelin e Núcleo do Dirceu. A história do teatro brasileiro foi representada pela irreverência antropofágica de Zé Celso Martinez Corrêa e seu Teatro Oficina, enquanto Cibele Forjaz e Enrique Diaz mostraram versões subversivas de clássicos europeus. Houve lugar para o teatro de rua da Cia Brasileira de Mistérios e Novidades e projetos singulares como o Pia Fraus e o Teatro da Vertigem. Circenses, as companhias Nau de Ícaro e Intrépida Trupe completaram o painel, composto por muitos outros grupos.



A seleção não foi simples, já que era preciso também atender às solicitações dos responsáveis pelos teatros e centros culturais que constituem o circuito de apresentações do Europalia. Habitado a fazer a curadoria no Brasil de eventos internacionais, João Carlos fez várias viagens para encontrar os programadores dos espaços e defender atrações. "Não adiantava chegar com um pacote fechado, e dizer: 'Olha, é isso que vamos mandar para vocês'. Precisávamos trabalhar num sistema de parceria, despertar o interesse deles pelo que estariam mostrando, para que também se empenhassem e fizessem uma belíssima divulgação", lembra o produtor.

Uma dificuldade foi convencer os parceiros europeus de que os espetáculos poderiam ser compreendidos mesmo que apresentados em português. "Eu dizia: para isso existe legenda. Há anos, no mundo inteiro, se faz teatro legendado", conta Couto, que costuma trazer ao Brasil peças em língua estrangeira.

Nas apresentações, os artistas brasileiros não se defrontaram com as dificuldades temidas pelos produtores. Em um balanço geral dos espetáculos, a receptividade aos grupos de dança, teatro e circo que participaram do Festival foi grande, com salas quase sempre cheias de um público interessado. Além disso, muitas companhias que foram à Bélgica trouxeram na mala convites para voltar: Marcelo Evelin e Núcleo do Dirceu, Michel Groisman, Cena 11 foram alguns dos que receberam propostas de novas temporadas no continente europeu. "Nossa intenção era não apenas mostrar do que a cultura brasileira é capaz, mas de abrir as portas para a nossa arte. Acho que conseguimos", resume o curador.

Esse protagonismo brasileiro, graças a Deus, na cena internacional e na economia, obviamente está aumentando muito o interesse pela nossa cultura. Interesse que já existia, em razão da admiração pela música brasileira, muito conhecida no exterior, e que agora se expande para o teatro, a dança, as artes... Temos de estar preparados para atuar nesse novo contexto. Alguns espetáculos lindíssimos nossos não foram selecionados porque os vídeos de que se dispunha eram em português e sem legenda. Por mais que eu explicasse o conteúdo e lembrasse que poderia haver legendas na apresentação, é claro que os produtores acabavam perdendo o interesse.

Iniciativas como o Europalia contribuem para ampliar o conhecimento sobre a nossa produção artística. Por isso foi tão importante garantir a diversidade e a pluralidade do Festival. A partir dele, surgiram novas propostas de trabalho para os artistas que participaram; ao mesmo tempo, aumenta o interesse por outras companhias que não estiveram presentes. Cabe a nós dar sequência, aproveitar esse momento de inserção do Brasil no cenário internacional para que as artes cênicas e todas as outras artes tenham a visibilidade internacional que merecem.

Em um dos encontros que tive com responsáveis por teatros e diretores de espetáculos, notei que eles estavam profundamente encantados pelo que chamaram de *corporeidade*, que na verdade é o jeito do brasileiro interpretar, o jeito do brasileiro estar em cena. É um corpo que tem vida, é um corpo que fala. Falar com o corpo todo: é tipicamente brasileiro. Eles ficaram encantados com isto. Temos de saber fazer bom uso dessa nossa qualidade, da grande diversidade que nos distingue e ser inteligentes para aproveitar esse momento.

João Carlos Couto, curador de artes cênicas

ROTEIROS PERCORRIDOS ARTES CÊNICAS



1. BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

2. BALÉ TEATRO CASTRO ALVES

3. CENA 11 CIA DE DANÇA

4. DANI LIMA+ALEX CASSAL

5. GRUPO CORPO

6. LIA RODRIGUES COMPANHIA DE DANÇAS

7. MARCELO EVELIN & NÚCLEO DO DIRCEU

8. MARTA SOARES

9. MEMBROS CIA DE DANÇA

10. MICHEL GROISMAN

11. MIMULUS CIA DE DANÇA

12. QUASAR CIA DE DANÇA

13. ANTÔNIO ARAÚJO & TEATRO DA VERTIGEM

14. CIBELE FORJAZ & MUNDANA COMPANHIA

15. ENRIQUE DIAZ & CIA DOS ATORES

16. GRANDE COMPANHIA BRASILEIRA DE
MYSTERIOS E NOVIDADES

17. GRUPO GIRAMUNDO

18. INTRÉPIDA TRUPE

19. NAU DE ÍCAROS

20. PIA FRAUS

21. ROBERTO ALVIM

22. ZÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA & TEATRO OFICINA



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

06 e 07.10.2011
WOLUBILIS
Bruxelas, Bélgica



A única companhia profissional de dança folclórica do Brasil explodiu em fogos de artifício de movimentos, ritmos, cantos e cores.

Le Soir, Bruxelas, 05.10.2011

Única companhia profissional de dança folclórica no Brasil, o Balé Folclórico da Bahia apresentou em Bruxelas o espetáculo *Herança sagrada: a corte de Oxalá*. Em duas noites, o grupo, segundo a imprensa local, "explodiu em fogos de artifício de movimentos, ritmos, cantos e cores", e mostrou ao povo belga a cultura afro-brasileira presente no batuque dos tambores e no candomblé.

Por meio da dança, do canto e do teatro, os 34 bailarinos do grupo encenaram a criação do Universo e o nascimento de cada orixá da religião africana. *Herança sagrada* recria alguns dos mais importantes rituais da ancestralidade brasileira, como a Cerimônia do Padê, executada antes de qualquer culto do candomblé, e a iniciação de Yaô, primeira apresentação pública do novo adepto da religião.

Para um dos fundadores do grupo, Walson Botelho, o Europalia foi uma oportunidade de desmistificar alguns clichês sobre o país que ainda pairam no imaginário do público no exterior: "A ideia que o estrangeiro ainda tem do Brasil é a da terra da mulata, do café e do futebol. É importante mostrar ao mundo que estamos muito além de tudo isso e que produzimos arte de qualidade".





BALÉ TEATRO CASTRO ALVES

17 a 19.11.2011
LE MANÈGE
Mons, Belgique

24, 25, 26, 29, 30.11.2011
e 01, 02 e 03.12.2011
THÉÂTRE VARIA
Bruxelles, Belgique

06 e 07.12.2011
THÉÂTRE DE LA PLACE
Liège, Belgique



O olhar de estrangeiro de Claudio Bernardo sobre sua terra natal permitiu ao coreógrafo criar um dos espetáculos de dança mais comentados do Europolia.Brasil. O elogiado *No coração da tempestade* levou aos teatros belgas uma análise sobre o processo de colonização do Brasil, a partir de uma adaptação da clássica peça *A tempestade*, de Shakespeare, e de *Uma tempestade*, do poeta e pensador da cultura negra Aimé Césaire. "É uma das criações mais importantes para mim, como artista e como homem. Fico muito honrado por ter atravessado esse processo", revela Bernardo, cearense, há 26 anos radicado na Bélgica.

No espetáculo, sobre o palco coberto de areia – referência às praias tupiniquins – os 25 bailarinos do Balé Teatro Castro Alves (BTCA), da Bahia, se desnudam para abordar as relações multirraciais travadas entre colonizadores e colonizados no momento da descoberta do Brasil. Ao fundo, a trilha sonora composta com temas de Purcell, pulsações eletrônicas de Yves de Mey e canções de Caetano Veloso e Chico Buarque. "Todo o âmbito da sexualidade era importante ali", explica Claudio Bernardo, que trabalhou com bailarinos na faixa entre 36 e 60 anos. "Era um desafio colocar aquelas pessoas de idade mais avançada nuas em cena, mas toda a companhia acreditou e foi de uma confiança incrível".

Foi a segunda vez que Claudio Bernardo trabalhou com o Balé Teatro Castro Alves. Em 2001, ele coreografou *O arquivo e a missão* para o grupo. Para o diretor artístico do BTCA, Jorge Vermelho, esse reencontro propiciou uma intensa troca de conhecimento. "Claudio Bernardo encontrou uma companhia mais amadurecida artisticamente, com novos propósitos, e isto se reflete diretamente no trabalho", afirma.

No coração da tempestade foi um espetáculo realizado em função da parceria entre o BTCA e a companhia belga As Palavras, de Claudio Bernardo. A elaboração do projeto durou um ano e meio até o início dos ensaios, realizados na Bahia durante cerca de dois meses.

A tempestade, do Balé Teatro Castro Alves, fez um enorme sucesso, com uma plateia entusiasmada, cativada pela beleza e pela força da dança. A companhia, em verdadeira osmose com Claudio Bernardo, foi ao encontro da emoção e do imaginário dos espectadores de Liège.

Sérgio Rangoni, diretor do Théâtre de la Place, de Liège





CENA 11 CIA DE DANÇA

16.12.11
LE PHÉNIX
Valenciennes, França



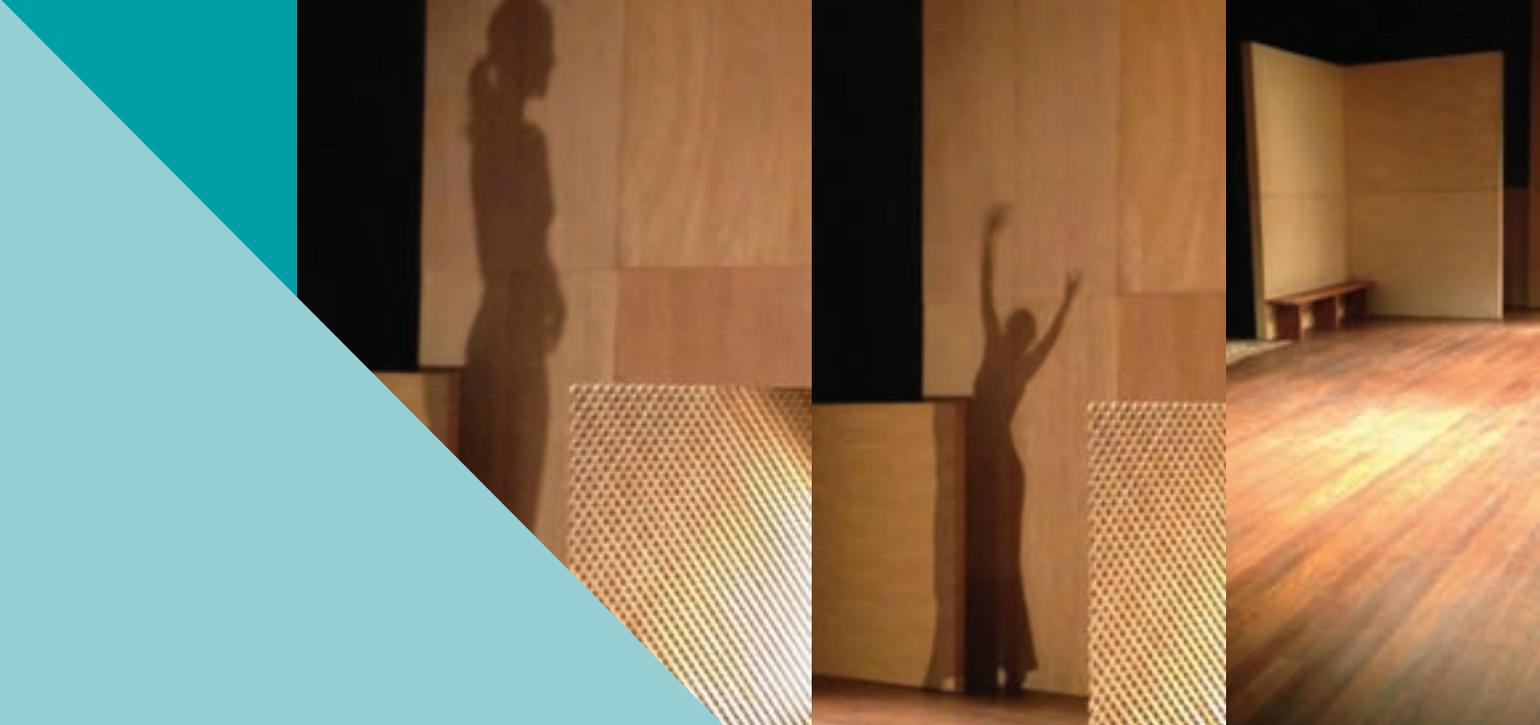


Foi com alguma surpresa que Hedra Rockenbach, diretora musical da companhia de dança contemporânea Cena 11, comemorou a reação positiva do público ao espetáculo *Guia de ideias correlatas*, que o grupo de Florianópolis apresentou no palco do Le Phénix, na cidade francesa de Valenciennes. "A dança é particularmente difícil de ser entendida em seus códigos. Mas talvez mais universal, uma vez que utiliza uma linguagem mais corporal e menos falada", observa.

A diretora afirma que o Europalia foi importante para que os brasileiros mostrassem ao mundo o seu investimento em uma elaboração intelectual sobre o fazer artístico. "O Brasil deve ser visto cada vez mais por sua ampla cultura, e ainda mais pela constante atualização que faz da arte, tanto na prática quanto na atividade teórica e acadêmica", arrematou.

Guia de ideias correlatas usa recursos multimídia para expor o processo criativo da dança. Trechos das mais recentes produções da companhia, entre elas *Violência*, *Skinnerbox* e *Embodied Voodoo game*, são apresentados de forma a demonstrar como cada movimento da coreografia foi pensado, acrescentando ao espetáculo uma dimensão metalinguística.





DANI LIMA+ ALEX CASSAL







Entre dança clássica e tradição africana, o espetáculo inebriante fica na antípoda da gesticulação intelectual. Uma sonora ovação era a justa recompensa.

Le Vif/L'Express, 30.09.2011

GRUPO CORPO

A fusão da linguagem clássica com a dança contemporânea e os ritmos regionais brasileiros encantou o público que assistiu às seis apresentações do Grupo Corpo no Festival Europalia. A companhia mineira levou aos palcos de Bruges, Roubaix, Antuérpia e Bruxelas os espetáculos *Parabelo*, de 1997, e *Onqotô*, de 2005. "*Parabelo* é uma *trademark* do Grupo Corpo e ilustra bem o nosso lado brasileiro, alegre e divertido. *Onqotô* foi uma peça que marcou nossos 30 anos", justifica a escolha a responsável pela programação, Claudia Ribeiro.

Inspirado na cultura nordestina, *Parabelo* traduz a mestiçagem do povo brasileiro em movimentos fluidos e cadenciados, realizados ao som das percussões e dos cantos religiosos elaborados por Tom Zé e José Miguel Wisnik. Mais sensual e frenético é *Onqotô*, espetáculo no qual o coreógrafo Rodrigo Pederneiras explora a temática da origem do Universo a partir de sequências que mesclam suavidade e rigidez com movimentos ora abruptos, ora sutis, marcados pelo compasso da trilha sonora de Caetano Veloso e José Miguel Wisnik.

Fundado em Belo Horizonte em 1975, o Grupo Corpo é uma das companhias brasileiras de dança contemporânea mais reconhecidas pelo público e pela crítica especializada. A trupe, formada por 21 bailarinos, realiza cerca de 70 apresentações por ano mundo afora e conta com um repertório de 35 coreografias.

23.11.2011
CONCERTGEBOUW
Bruges, Bélgica

26 e 27.11.2011
LE COLISEÉ
Roubaix, França

30.11.2011
DE WARANDE
Turnhout, Antuérpia, Bélgica

02 e 03.12.2011
THÉÂTRE NATIONAL
Bruxelas, Bélgica





LIA RODRIGUES COMPANHIA DE DANÇAS

22 e 23.11.2011
KAAITHEATER
Bruxelas, Bélgica

26.11.2011
LES ECURIES
Charleroi, Bélgica

29.11.2011
LE PHÉNIX
Valenciennes, Bélgica

02.12.2011
THÉÂTRE ROYAL
Namur, Bélgica

10.12.2011
THÉÂTRE DE LA PLACE
Liège, Bélgica

12.12.2011
MONTY
Antuérpia, Bélgica



Os dois espetáculos mais recentes da Lia Rodrigues Companhia de Danças, *Piracema* e *Pororoca*, foram destaque na cobertura da imprensa belga sobre o Europalia. Em apresentações no Festival, a companhia levou *Pororoca* a Charleroi, Liège e Antuérpia, e encenou *Piracema* em Bruxelas, Valenciennes e Namur.

Paulistana radicada no Rio de Janeiro, Lia Rodrigues costuma passar alguns meses a cada ano excursionando com a Companhia pela Europa. "A participação no Europalia marcou uma feliz junção de forças, porque uni essa turnê a uma série de apresentações já agendadas na Europa", lembra. A coreógrafa comemorou o apoio do governo brasileiro. "Tudo correu de forma maravilhosa. Eu me senti realmente apoiada pelo meu país".

Antes do embarque para o Europalia, um grupo de jornalistas belgas visitou o Centro de Artes da Maré, que desde 2009 é sede da companhia, criada em 1990. "Eles conheceram o galpão, viram o ensaio e fizeram perguntas que geraram matérias de rádio, TV, jornal e revista. Isso colaborou muito para atingir um público mais amplo na Bélgica. Nesse sentido, tenho certeza de que o Europalia ajudou a ampliar a repercussão do meu trabalho", avalia. O desempenho do grupo também impressionou Serge Rangoni, diretor do Théâtre de La Place e do Europalia na cidade de Liège. Em carta ao curador de artes cênicas do Europalia, João Carlos Couto, o diretor elogiou o refinamento dos trabalhos apresentados.

Apesar de independentes, as duas criações têm em comum a pesquisa sobre as múltiplas possibilidades expressivas da dança. *Piracema* é formada por 11 solos, dançados ao mesmo tempo pelos bailarinos, em espaço reduzido, próximos uns dos outros. De tempos em tempos, os solos se fundem em movimentos conjuntos, quando o grupo se aproxima. Em *Pororoca*, os bailarinos interagem, tocam-se e repelem-se ao longo de todo o espetáculo, formando um coletivo dançante no qual, ao mesmo tempo, cada intérprete mantém características próprias. Enquanto a palavra *piracema* designa a migração de peixes que se deslocam contra a corrente de um rio, *pororoca* é o encontro de correntes contrárias. Segundo a diretora, "forma ondas e altera as margens, provoca ruídos e calma. Representa arrastão, mistura, choque e invasão".

A palavra Piracema é de origem tupi e indica a viagem dos peixes contra a correnteza para botar ovos. (...) O movimento avança no palco contra a correnteza. Algo os empurra, todos juntos e ao mesmo tempo sozinhos. Por um movimento individual, o grupo avança. (...) Os bailarinos não se deixam levar pelo cansaço, vão até o extremo. Todos os bailarinos buscam os limites de seus corpos. O uso dos protetores para os joelhos prova que eles estão se jogando até o limite.

Flanders News, Bélgica, 23.11.2011





MARCELO EVELIN & NÚCLEO DO DIRCEU

23 e 24.11.2011
LA RAFFINERIE CHARLEROI/DANSES
Bruxelas, Bélgica

26.11.2011
AINSI
Maastricht, Bélgica

09.12.2011
THÉÂTRE DE LA PLACE
Liège, Bélgica





Durante a apresentação de *Matadouro*, em Liège, um senhor levantou-se de seu lugar, foi até bem perto do palco e fez um gesto de "banana" para os artistas. Marcelo Evelin, criador da montagem e um dos dançarinos em cena, adorou. "Eu achei o gesto incrível. Acho importante quando o público se manifesta de forma espontânea, corporalmente. Não é para gostar: o teatro é um lugar de fricção", diz ele, usando um jogo de palavras que faz referência à própria peça. *Matadouro* é um embate corporal vivido por oito dançarinos, nus e mascarados, ao som de Schubert.

O espetáculo conclui a trilogia composta também por *Sertão*, de 2003, e *Bull dancing*, de 2006. Cada coreografia foi inspirada em uma parte de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. *Matadouro* baseou-se em "A luta" e fala da batalha pela vida. Segundo Evelin, é uma metáfora dos dias de hoje que se aplica a qualquer lugar, deslocada de territorialidade. "Até que ponto valemos alguma coisa no mundo de hoje?", questiona.

O dançarino, coreógrafo, diretor e pesquisador divide seu tempo entre a Holanda, onde dá aulas, e o Brasil, onde mantém a companhia de dança Demolition Inc e coordena o Núcleo do Dirceu, um coletivo de artistas de Teresina.

Matadouro, que tem dançarinos das duas companhias, foi apresentado quatro vezes durante o Europalia, em Bruxelas, em Maastricht e em Liège, onde o público se acotovelou para ver a peça e participar de uma roda de conversa com a companhia após o espetáculo.

Muita gente saiu no meio da apresentação, mas isso não surpreendeu Marcelo. Acostumado a causar incômodo, faz questão de deixar claro que não faz arte para entreter. Tem até certo orgulho em contar a história da "banana" de Liège: "Aquele senhor esperava ver um espetáculo brasileiro, alegre, com penacho na cabeça, porque essa imagem de Brasil ainda é muito forte. E não foi isso o que aconteceu".

***Matadouro*, de Marcelo Evelin, foi, na minha opinião, uma grande noite. Embora parte do público tenha se sentido contrariada, seu radicalismo provocou polêmica, como ficou provado com o sucesso da discussão realizada logo após a apresentação. Os 250 espectadores que assistiram mostraram que o espetáculo suscitou muitas questões.**

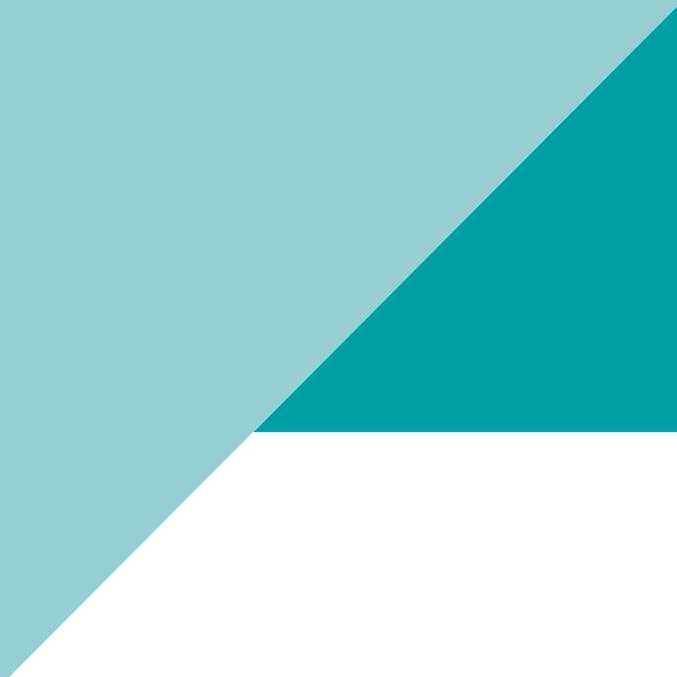
Sérgio Rangoni, diretor do Théâtre de La Place, de Liège



MARTA SOARES

04 e 05.11.2011
DESINGEL
Antuérpia, Bélgica





É extremamente importante que esses festivais ocorram para romper com a ideia clichê de que, no Brasil, a cultura só esteja voltada ao entretenimento, como carnaval, futebol e praias. Nesse momento de desenvolvimento, é importante que o Brasil apoie a circulação de sua produção artística em outros continentes.

Marta Soares

Marta Soares levou ao Europalia, com seu *Vestígios*, uma espécie de sepultamento às avessas. Em uma mistura de performance, vídeo e efeitos sonoros em que um corpo vai sendo desenterrado pelo vento, o espetáculo foi inspirado nos sambaquis, cemitérios indígenas onde aconteciam cerimônias fúnebres.

Ao entrar no espaço, o público encontra um monte de terra entre duas telas de vídeo. Nem sempre é possível perceber que há um corpo debaixo daquilo tudo. Aos poucos, ele vai sendo revelado, com a interferência da artista, que faz movimentos quase imperceptíveis para ajudar o deslocamento da areia.

Marta visitou alguns sítios arqueológicos em Santa Catarina, onde também foram captados os sons e as imagens que compõem os vídeos. No Europalia. Brasil, o espetáculo teve duas sessões e rendeu convites para participar de outros festivais. "O mais marcante para mim foi apresentar *Vestígios* em um palco histórico, no DeSingel, na Antuérpia, onde são continuamente apresentadas obras de artistas como Bob Wilson, Marina Abramovich, Trisha Brown etc.", conta a artista.

Apesar de os belgas terem se mantido mais reservados que os brasileiros, a participação do público agradeceu a artista: "A diferença entre os dois públicos se deu na relação espacial mais distante dos europeus com a instalação coreográfica, que é um trabalho imersivo. Mas eles foram receptivos, fizeram perguntas após os espetáculos sobre o trabalho e deram um *feedback* positivo".



MEMBROS CIA DE DANÇA

Os jovens bailarinos brasileiros do Membros levam a arte de rua a um nível mais alto e conseguem assim alcançar uma apresentação impressionante. A força física dos bailarinos mostra ao mesmo tempo a beleza e a perfeição do corpo humano, mas seus movimentos também estão cheios de poder, agressão e rebeldia. Dessa maneira, *Raio X* brinca com a conotação política e o caráter rebelde do hip hop, usando-os como meio de combater a repressão.

De Morgen, Bruxelas, 24.08.2011

A reflexão crítica sobre a sociedade é característica da Membros Cia de Dança. Nos espetáculos *Corpo aberto*, *Corpo* e *Meio fio*, apresentados na Bélgica e na França como parte do Festival Europalia.Brasil, a companhia abordou a existência humana em suas mais diversas esferas.

Criado a partir da pesquisa coreográfica do diretor Paulo Azevedo no Benim, *Corpo aberto* mostra as raízes da cultura brasileira e a mão dupla de influências que existe entre África e Brasil. Nos palcos de Bruxelas, Genk, Gent, Namur e Valenciennes, quatro bailarinos – os brasileiros Aline Correa e João Carlos, da Membros, e os beninenses Arnaud Agboliagbo e Médard Sossa – revelaram a semelhança entre as danças africanas, o hip hop e a capoeira, explorando elementos das festas e da religiosidade dos dois continentes.

Dois bailarinos dançaram *Corpo*, que exhibe a influência do tempo sobre o homem e o processo de amadurecimento do corpo que dança. *Meio fio*, encenada nas ruas de Chasse Royale, em Valenciennes, trata da violência e da desigualdade social com base no episódio da chacina da Candelária, no Centro do Rio de Janeiro, em que crianças e adolescentes sem-teto foram assassinados por policiais.

Criada em 1999 por estudantes de escolas municipais de Macaé, no norte fluminense, a Membros Cia de Dança ficou conhecida pelo caráter impactante de seus espetáculos, fundamentados principalmente no estilo de dança de rua denominado *bboying*. Esta vertente é caracterizada por movimentos de força e precisão executados no chão, como giros e acrobacias, além de saltos mortais e improvisação.



27.10.2011
HALLES DE SCHAERBEEK
Bruxelas. Bélgica

30.10.2011
C-MINECULTUURCENTRUM
Genk. Bélgica

02.11.2011
THÉÂTRE ROYAL DE NAMUR
Namur. Bélgica

04.11.2011
LE PHÉNIX
Valenciennes. França

05.11.2011
QUARTIER CHASSEROYALE
Valenciennes. França

08 e 09.11.2011
CENTRO DE ARTES VOORUIT
Gent. Bélgica







MICHEL GROISMAN

Uma chama que percorre o indivíduo em cena. Mãos que se transfiguram em múltiplas possibilidades. Instigantes e inusitadas, as performances *Transferência* e *Porta das mãos*, do carioca Michel Groisman, buscam explorar posturas não usuais e pensar o corpo em suas inúmeras formas. Apresentadas, respectivamente, nas cidades de Bruxelas e Charleroi durante o Festival Europalia, elas impressionaram o público.

"Depois das apresentações, várias pessoas vieram falar comigo interessadas em meu trabalho. Algumas semanas depois fui contatado por dois programadores, um da Holanda e outro da Suíça, com convites para participar dos seus festivais", comemora Groisman.

Na fronteira das artes visuais, as performances do artista incorporaram elementos cênicos e equipamentos que transformam o corpo, ampliando suas possibilidades expressivas. Em *Transferência*, velas acopladas aos membros são, por meio de movimentos precisos, acesas uma a uma. Já em *Porta das mãos*, o próprio corpo se torna um instrumento: as mãos de Groisman se movem e contorcem em sequências harmoniosas, criando formas que se fundem e se transformam a cada instante.

Os jogos interativos e as experiências sensoriais de Michel Groisman têm lhe valido convites tanto para participar de festivais de dança quanto de mostras em museus de arte contemporânea, a exemplo do MoMa, em Nova York.

24.11.2011
LA RAFFINERIE
Bruxelas, Bélgica

26.11.2011
PALAIS DES BEAUX-ARTS
Charleroi, Bélgica





MIMULUS CIA DE DANÇA

No palco, os corpos dos bailarinos se entrelaçam, simulando os bordados da obra de Arthur Bispo do Rosário. Incorporando as técnicas clássica e contemporânea à dança de salão, marca registrada da Mimulus Cia de Dança, *Por um fio* conduziu espectadores belgas e franceses pela trajetória de vida do artista esquizofrênico durante o Europalia.

O espetáculo traz uma série de referências à história de Bispo, a começar pelo fio, elemento-chave que tanto aparece no cenário como é parte integrante da coreografia, na qual bailarinos usam agulhas e fios para fazer pontos nas roupas dos companheiros de palco. Os gestos produzem uma interferência estética sobre o figurino, inspirado nas roupas usadas pelos internos da Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, onde ele permaneceu por mais de 50 anos. "Apesar de o espetáculo ter um lado introspectivo, obscuro, ele termina com um clima de festa", conta Jomar Mesquita, diretor, bailarino e coreógrafo do grupo.

Na Bélgica, os bailarinos puderam ver de perto a obra de Bispo em uma exposição dedicada a ele no Art & Marges Musée, em Bruxelas, também parte da programação do Europalia. Para Jomar, a experiência foi o ponto alto da viagem. "Eu já tinha visto uma parte do acervo da Colônia, mas essa foi a primeira vez que a companhia inteira pôde conhecer a obra dele. Foi muito emocionante", diz o coreógrafo.

Além das apresentações, a Mimulus ministrou aulas abertas de dança de salão. Acostumado à atividade nas turnês da companhia no exterior, Jomar notou que os estrangeiros, em geral, ficam mais à vontade que os brasileiros para dançar. "Eles são mais participativos que os brasileiros, mais desinibidos. Os brasileiros se soltam mais para dançar, mas para dar o pontapé inicial e começar a aula, ficam mais hesitantes", observa.



06.11.2011
CENTRO CULTURAL DE MEENT
Alseberg, Beersel, Bélgica

10.11.2011
LE PHÉNIX
Valenciennes, França

AULA ABERTA

05.11.2011
CENTRO CULTURAL DE MEENT
Alseberg, Beersel, Bélgica

09.11.2011
LE PHÉNIX
Valenciennes, França

12.11.2011
CLUB.BRASIL
Bruxelas, Bélgica





QUASAR CIA DE DANÇA

A sutileza e a leveza dos movimentos, combinados à poesia e ao piano de Tom Jobim e à voz de Elis Regina, agradaram o público do Europalia. Paradoxalmente, a surpresa veio da familiaridade. Henrique Rodovalho, coreógrafo e diretor da Quasar Cia de Dança, acredita que o público foi surpreendido pela linguagem do espetáculo *Só tinha de ser com você*, semelhantes às de trabalhos do próprio continente europeu. "Havia um certo conforto visual, pois, além de apresentarmos músicas conhecidas internacionalmente, a dança contemporânea é uma referência clara para eles", justifica Henrique, que ficou feliz com o reconhecimento de bailarinos locais. "Muitos foram assistir. É o tipo de contato que abre portas e nos faz vislumbrar novas oportunidades a partir dessa visibilidade", conclui.

A montagem, criada em 2005, é inspirada no álbum *Elis e Tom*, gravado em 1974. Ao apresentar peças para "Corcovado", "Retrato em branco e preto", "Chovendo na roseira" e "Águas de março", faz um mergulho no universo da bossa nova, estilo valorizado por Rodovalho por seu apuro estético, o mesmo com que desenvolveu sua coreografia: "Comecei sem a música. A coreografia sozinha tem uma precisão um tanto 'fria'. Depois, juntei as canções, que deram um clima mais 'quente'. Procurei dar um tratamento com certo distanciamento para não interferir na memória afetiva que as pessoas têm desses clássicos da música".

14 e 15.12.2011
TEATRO WOLUBILIS
Bruxelas, Bélgica

17.12.2011
CENTRO CULTURAL DE MEENT
Alseberg, Beersel, Bélgica





ANTÔNIO ARAÚJO & TEATRO DA VERTIGEM

RESIDÊNCIA

05 a 20.01.12
VRAC/L'ESCAUT
Bruxelas, Bélgica



A arte do Teatro da Vertigem não cabe nos teatros convencionais. Igreja, rua, hospital – em 20 anos de história, muitos têm sido os palcos desta companhia, que faz do meio urbano espaço de experimentação. Não foi diferente na Bélgica, onde o grupo fez uma apresentação na rua, após uma residência artística na sede do escritório de arquitetura L'Escaut e do coletivo Vrac. Um antigo prédio industrial em Bruxelas abriga os dois coletivos, que receberam o Vertigem para uma série de discussões e exercícios propostos em conjunto.

"Foi ótimo. Conhecemos vários arquitetos, urbanistas, pessoas que pensam a cidade, que é um tema muito ligado ao nosso grupo. Houve uma troca muito boa entre nós. Com certeza, foi uma experiência que acrescentou muito ao nosso trabalho", diz Antônio Araújo, diretor artístico e fundador do Teatro da Vertigem.

Os 15 dias em Bruxelas foram passados em discussões sobre temas urbanos e processos de criação. Além disso, conta Antônio, "a cada dia eram programadas atividades diferentes, como leituras e visitas a pontos da cidade".

O lugar onde fizeram a residência artística é um espaço dedicado à experimentação. Com suas salas reversíveis, o prédio tem abrigado diferentes grupos durante processos de criação e interação com outros artistas. Foi lá que a companhia preparou o *gran finale* de sua estada na Bélgica. "Todo o processo de imersão foi muito interessante, mas se eu tivesse de destacar apenas uma coisa, destacaria a intervenção que fizemos ao final", avalia Antônio.

A performance nas ruas da cidade foi inspirada nas várias obras pelas quais a cidade tem passado. Mudos e amarrados com fitas de construção simultaneamente em várias paradas de bonde, os artistas do Teatro da Vertigem e dois estagiários do L'Escaut/Vrac chamaram a atenção de quem passava. "Em uma das estações, um grupo de pessoas arrancou as fitas que amarravam uma menina. Isso, pensando no público belga que é mais contido, foi bastante inesperado", ressalta o diretor.





CIBELE FORJAZ & MUNDANA COMPANHIA

Intérprete do príncipe Michkin, "o idiota" do título de *O idiota – uma novela teatral*, Aury Porto conta que o público belga recebeu bem essa leitura particular da obra de Fiódor Dostoiévski. "Foi um momento de bons encontros", avalia o ator. "E ainda contamos com a facilidade de muitos deles já conhecerem o romance e reagirem aos lances da história com muita prontidão, às vezes até dispensando a legenda em francês e língua flamenga", comenta Porto, responsável pela adaptação do livro para o teatro.

A língua também não foi impedimento para uma animada confraternização entre o elenco, formado por atores do Teatro Oficina, Teatro da Vertigem, Cia da Mentira e Cia Livre, e a equipe técnica do Teatro Nacional de Bruxelas, palco do espetáculo. "Eles nos ofereceram uma festa e nós tocamos e cantamos com eles durante horas", lembra, celebrando o encontro de culturas.

O Idiota é uma verdadeira saga cênica. Dirigida por Cibele Forjaz, estimula a interação entre a plateia e os dez atores do elenco que, juntos, percorrem diferentes cenários nas sete horas de enredo, dividido em 12 capítulos, cada um com seu clímax dramático, numa estrutura próxima à da telenovela.

Na história, Michkin deixa um sanatório na Suíça rumo a São Petersburgo, depois de se tratar de epilepsia, doença chamada de idiotia em 1869, quando o texto original foi lançado. No retorno à cidade natal, criam-se as tramas que envolvem o ingênuo protagonista.

Para a adaptação do livro, um trabalho de dois anos, Porto teve a colaboração de Cibele Forjaz, Vadim Nikitin e Luah Guimarães, sua parceira na criação da Mundana Companhia, em 2007.

Cibele Forjaz traz o romance de Dostoiévski para a Europa na forma de um grande espetáculo. Espere uma noite textual e visualmente emocionante, baseada na dependência emocional provocada pelas novelas brasileiras.

Revista Agenda, Brussel Nieuws, n. 1307

13 e 14.12.2011
THÉÂTRE NATIONAL
Bruxelas. Bélgica





ENRIQUE DIAZ & CIA DOS ATORES

05 e 06.11.2011
STADSSCHOUWBURG
Amsterdam, Holanda

09 e 10.11.2011
LE MANÈGE
Mons, Bélgica

12, 13 e 14.11.2011
THÉÂTRE 140
Bruxelas, Bélgica

16 e 17.11.2011
LE PHÉNIX
Valenciennes, França



Discutir o teatro dentro do teatro: a proposta metalinguística do dramaturgo Anton Tchekov em *A gaivota* é aprofundada pelo ator e diretor teatral Enrique Diaz em sua adaptação do clássico russo. Apresentado nos palcos da Holanda, da Bélgica e da França durante o Festival Europalia, o espetáculo *Seagull-play* propõe um jogo em que os atores assumem múltiplos papéis para, ao mesmo tempo, encenar e desconstruir o enredo.

A trama de *A gaivota* gira em torno de um jovem dramaturgo frustrado que teve sua peça rejeitada e viu sua amada se encantar por outro homem. Ao contrário da versão original, na peça de Diaz, os atores (Lorena da Silva, Emílio de Mello, Felipe Rocha, Thierry Tremouroux, Isabel Teixeira e Bel Garcia) saem de seus papéis para questionar a criação artística e os rumos dos personagens, expondo o processo de elaboração do espetáculo.

Acostumado aos palcos internacionais, Enrique Diaz vê no contato do público estrangeiro com companhias teatrais brasileiras uma possibilidade de mostrar a riqueza cultural do país. "O Brasil tem uma imagem 'ícone' muito forte, o que é bom por um lado, mas reduz toda a complexidade a esta imagem. Acredito que a participação dos artistas nesses festivais provoca uma espécie de revolução nessa imagem, já que apresenta um grau de riqueza e complexidade infinitamente maior do que aquela imagem básica, e começa a compor uma imagem de nação madura", opina o diretor, peruano radicado no Rio de Janeiro. "Nesse sentido, o teatro é muito importante, já que produz notoriamente uma diversidade muito grande de leituras do ser brasileiro", completa.

Enrique Diaz é fundador e diretor artístico da Cia dos Atores desde 1988 e também dirige o coletivo Improviso.

Como montar uma peça que fala do fracasso de uma peça? A opção do brasileiro Enrique Diaz é tudo revelar no palco: os ensaios, os improvisos, os experimentos de *mise-en-scène*, o que funciona e o que não funciona. Para quem estiver um pouquinho familiarizado com a obra-prima original, essa exuberante versão trará alegria. Depois de seu aclamadíssimo *Ensaio. Hamlet*, Diaz foi mais uma vez bem sucedido em tirar o pó de um dos clássicos mais encenados. (...) Apesar de sua abordagem conceitual, um humor pouco usual atravessa essa adaptação vinda dos trópicos. (...) Descomplexados, vulcânicos, rebeldes, esses atores vivem intensamente sua arte, distantes, bem distantes da melancolia habitualmente associada a Tchekov.

Le Soir, 09.11.2011



GRANDE COMPANHIA BRASILEIRA DE MYSTERIOS E NOVIDADES

04.10.2011
EM FRENTE AO BOZAR
Bruxelas, Bélgica

05.10.2011
ESTAÇÃO CENTRAL
Bruxelas, Bélgica

06.10.2011
EM FRENTE AO CLUB.BRASIL
Bruxelas, Bélgica



Munido de instrumentos de cordas, sopro e percussão, um cortejo de artistas em pernas de pau encheu as ruas de Bruxelas de cor e sonoridade. A Grande Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades se apresentou em frente ao Bozar, o Palácio de Belas Artes, durante a abertura oficial do Europalia, e também fez encenações na estação central de trens e na entrada do Club.Brasil, um centro de informação e gastronomia do Festival.

A atuação em locais ao ar livre é uma característica do grupo, que usa adereços de grandes dimensões e se inspira na tradição dos antigos saltimbancos. "Nós fazemos o que costumamos chamar de arte pública. É um circo dramático, que trabalha artisticamente a relação entre o sagrado e o profano. Envolve teatro, música, dança, folguedos e representações de figuras mitológicas, que são universais", descreve Lígia Veiga, diretora da trupe.

Gigantes pela própria natureza foi estrategicamente escolhido por ela para mostrar o Brasil no exterior. Baseado no acervo coletado pela Missão de Pesquisas Folclóricas, iniciativa do escritor Mário de Andrade para documentar e catalogar manifestações populares, o espetáculo traz músicas de origem indígena, africana e portuguesa, cantadas e dançadas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. "Essa expedição mudou o conceito de música brasileira e, de forma pioneira, destacou a importância de se resgatarem e fortalecerem as nossas raízes, o que é uma referência para o nosso trabalho", explica a diretora.

A apresentação é feita pela Orquestra Itinerante de Rua, formada por 16 jovens de comunidades de baixa renda, que integram há cinco anos o projeto social que funciona na sede da Cia de Mistérios, na zona portuária do Rio de Janeiro. Para todos os integrantes da trupe, foi a primeira chance de viajar para o exterior. "Foi um momento muito especial", recorda Lígia. "Eles levaram um espetáculo montado com eles e para eles".

Fundada em 1990, a companhia já conta com mais de dez montagens no currículo e é um dos parceiros do bloco carnavalesco Escravos da Mauá, com o qual realiza oficinas e faz apresentações.





GRUPO GIRAMUNDO

02 e 03.11.2011
WERELDCULTURENCESTRUM
ZUIDERPERSHUIS
Antuérpia, Bélgica

04.11.2011
DE CENTRALE
Gent, Bélgica



Um espetáculo autenticamente brasileiro, considerado o mais emblemático do grupo, foi a escolha do Giramundo para apresentar no Europalia.Brasil. Montado pela primeira vez em 1979, *Cobra Norato* é baseado no poema homônimo de Raul Bopp, uma das obras mais importantes do Modernismo, e até hoje é uma das peças mais apresentadas pelo grupo no exterior.

A peça reconta um mito do norte brasileiro: segundo a lenda, Norato era uma cobra que deixava a água para transformar-se em homem elegante. Nas festas, seduzia as mulheres e as atraía para o rio, onde se afogavam. O belo texto de Bopp conta a história de um jovem que sai da Amazônia profunda em busca de seu amor, transformando-se em cobra para enfrentar os perigos que tem pela frente.

"As pessoas ficaram sensibilizadas e conseguiram entender bem, graças às legendas em holandês. Como é um espetáculo construído a partir de um poema, o entendimento do texto, neste caso, era fundamental", conta um dos diretores do grupo, Ulisses Tavares.

O desconhecimento da língua, que poderia ter afastado o público, acabou sendo aliado do grupo: "O público brasileiro costuma ser mais acanhado em relação ao *Cobra Norato* por causa do poema. No Brasil, as pessoas ficam muito preocupadas em absorver todo o texto. Os europeus se divertiram mais, ficaram mais relaxados, pois não havia essa apreensão", compara.

Em todos os seus espetáculos, o Giramundo convida o público, ao final da apresentação, para conhecer os bonecos e conversar. "Na Bélgica, 100% das pessoas participaram. Todos foram ao palco", conta Ulisses, lembrando que na Europa o teatro de bonecos é um gênero mais conhecido e tradicional do que no Brasil.





INTRÉPIDA TRUPE

29 e 30.10.2011
LES HALLES DE SCHAERBEEK
Bruxelas, Bélgica



O rigoroso inverno belga não permitiu que Valéria Martins, diretora da Intrépida Trupe, levasse *Coleções*, seu projeto cênico concebido para espaços ao ar livre, para o Europalia. Mas a baixa temperatura não impediu que o público daquele país desfrutasse de uma primorosa apresentação do grupo circense: devidamente acomodada no centro cultural Les Halles de Schaerbeek, em Bruxelas, a plateia assistiu *Sonhos de Einstein*, espetáculo baseado no livro homônimo de Alan Lightman sobre os conceitos de tempo e realidade.

Valéria conta que, diante do complexo aparato técnico de *Sonhos de Einstein*, sua montagem no Europalia gerou no grupo um misto de expectativa, tensão e euforia: "Mas depois de muito trabalho, deu tudo certo". A diretora acredita que a participação brasileira em festivais internacionais como o Europalia deveria acontecer com maior regularidade. "A iniciativa de enviar inúmeros artistas, trabalhos, espetáculos e shows é incrível. Parabéns à Funarte, ao acompanhamento e ao empenho inestimável do curador João Carlos Couto, e aos artistas que se somaram e se esforçaram para tudo sair da melhor forma sempre", acrescenta.

A Intrépida Trupe existe há 26 anos e mudou o conceito de circo no Brasil. A consagrada companhia desafia as leis da gravidade, utilizando trapézio, cordas, tecido, malabarismo, música, iluminação, efeitos especiais e interpretação em uma união de dança, circo e teatro.



Artistas de circo do Rio desafiam a gravidade e ampliam a definição de circo em *Sonhos de Einstein*, uma obra refinada de coreografia, luz e montagem, na qual artistas suspensos no ar mostram acrobacias incríveis com a graça e o lirismo de um corpo de balé. Sensual e humorístico.

The Bulletin, outubro 2011, Bélgica



NAU DE ÍCAROS

27 e 28.10.2011
ESCOLA DE CIRCO DE BRUXELAS
Bruxelas, Bélgica



A história do mito de Exu, orixá da transitoriedade e da comunicação, foi contada no palco e no ar na Escola de Circo de Bruxelas. A Cia Cênica Nau de Ícaros apresentou *De um lugar para o outro*, espetáculo que mistura dança, circo, teatro e vídeo para falar da mitologia africana.

Os bailarinos usam cordas de alpinismo, tecidos e outros elementos do universo circense para executar movimentos aéreos, brincando com o equilíbrio e explorando as dimensões da arena. Coreografado por Miriam Druwe e dirigido por José Possi Neto, o espetáculo apresenta, nos figurinos e nos vídeos, uma profusão de referências à cultura afro-brasileira. A trilha sonora de André Hosoi e Bruno Buarque, do grupo Barbatuques, une as batidas do candomblé às possibilidades sonoras da percussão corporal, objeto de pesquisa dos músicos. "O diálogo entre o mundo real e o fantástico resulta em um espetáculo imagético, de estética brasileira, no qual a fusão de imagens e sensações encontra na composição do espaço aéreo a possibilidade de transcender os limites da dança", explica o diretor da companhia, Marco Vettore.

"Pensamos em representar a cultura brasileira não de forma folclórica ou reducionista, como muitas vezes é retratada, mas de maneira atual e contemporânea", analisa.

Durante o Festival, a companhia ainda pôde compartilhar com artistas locais os processos e as técnicas envolvidos na elaboração do trabalho em um *workshop* ministrado na própria escola de circo.





PIA FRAUS

19.11.2011
BIBLIOTECA MEDIATECA LE PHARE
Bruxelas, Bélgica

20.11.2011
JUNGLINGSHAUS
Eupen, Bélgica



Achei bacana andar nas ruas e perceber que o Festival estava acontecendo. Foi bastante divulgado; as pessoas sabiam dele, sabiam das coisas que iam acontecer. Só posso desejar que haja mais em outros países. Ajuda muito a divulgar, de uma maneira simpática, a cultura brasileira.

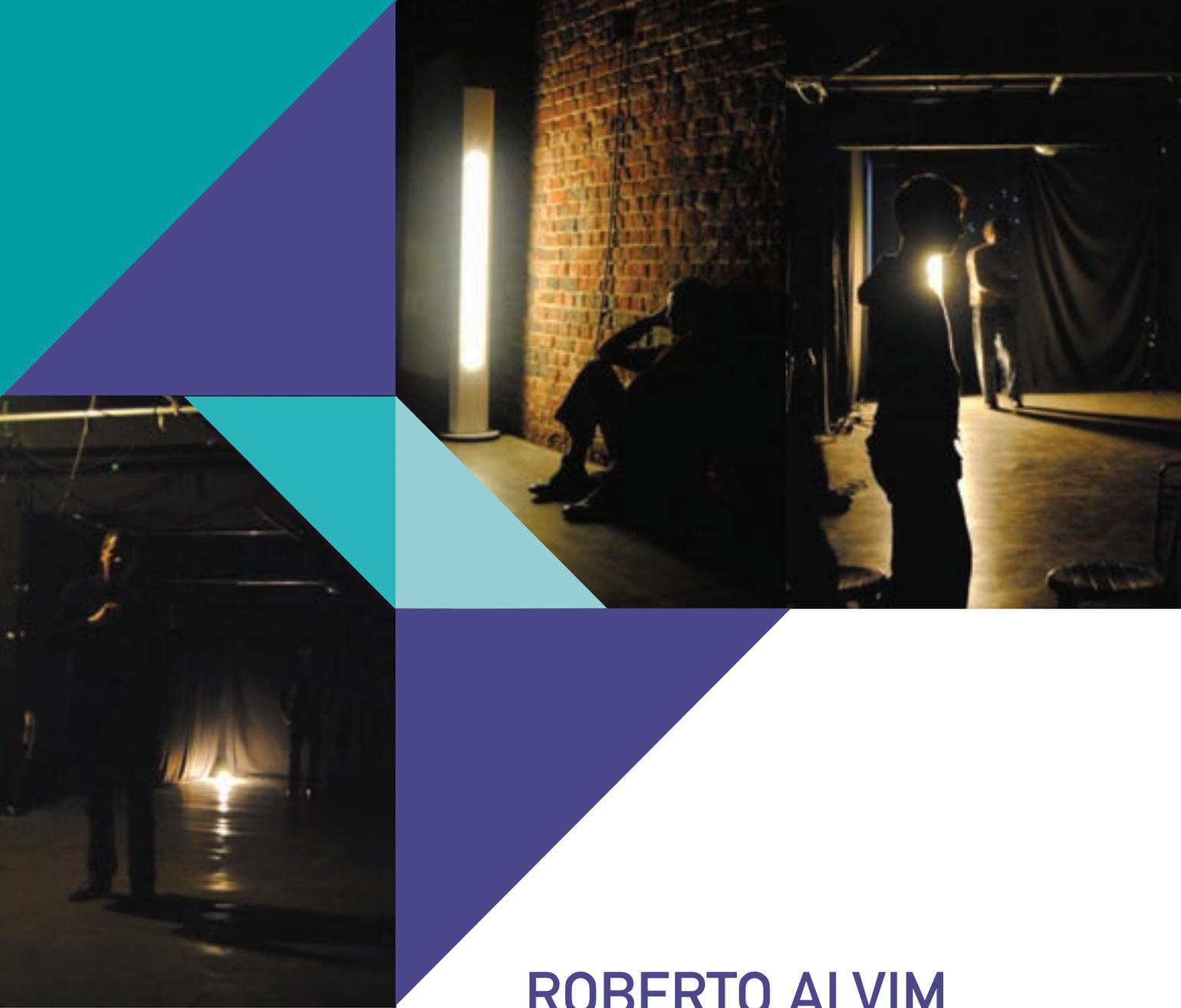
Beto Andreetta, diretor da Cia Pia Fraus

Apresentado há dez anos com grande sucesso de público, o espetáculo *Bichos do Brasil* foi o escolhido dentre um repertório de 20 montagens pela Cia Pia Fraus para as plateias do Europalia.Brasil. A peça, criada em 2001 e já apresentada mais de mil vezes em 15 países e vários estados brasileiros, recria a riqueza das matas brasileiras através do uso de bonecos, música e coreografia.

A premiada montagem, criada por Beto Andreetta e Beto Lima, ganhou uma versão especialmente desenvolvida para exibição no exterior. "Esse é nosso espetáculo mais apresentado fora do país. Não tem texto e é emblemático: colorido, reproduz a selva – isso é o que o público espera ver sobre o Brasil", diz Andreetta, diretor do grupo e do espetáculo.

Com 25 anos de história, a Cia Pia Fraus combina teatro, dança, teatro de bonecos, máscaras e artes circenses. *Bichos do Brasil* é apresentado em 15 esquetes, em que três atores e mais de 50 bonecos feitos com material natural, como cabaças, retratam o cotidiano dos animais em uma selva tropical, sem serem humanizados. Como trilha sonora, ritmos brasileiros como forró, frevo, samba e maracatu, entre outros.





ROBERTO ALVIM



Quatorze dias e um total de 126 horas dedicadas integralmente ao teatro: essa foi a rotina do dramaturgo Roberto Alvim durante a sua participação no Europalia. O diretor ministrou um *workshop* sobre criação teatral para atores e encenadores no KJBI, em Bruxelas. A proposta era apresentar novos conceitos sobre a elaboração de textos para teatro, o que Alvim chama de "dramáticas do transumano". "Trata-se de ferramentas novas, que visam desencadear processos de criação autoral absolutamente singulares por parte de cada artista", explica o diretor.

Na primeira semana, o curso foi direcionado a dramaturgos. Doze participantes, entre belgas, franceses, italianos e escoceses, tiveram acesso a peças de autores brasileiros contemporâneos e textos teóricos escritos por Alvim, a partir dos quais puderam exercitar a escrita para o teatro. Das dezenas de pequenos textos produzidos pelos alunos, cinco foram selecionados e encenados com 12 atores europeus, que ensaiaram na semana seguinte. Aberto ao público, o espetáculo final, *Avoir eu vent* foi composto a partir da "costura dramática" entre essas peças curtas e teve duração de cerca de 50 minutos.

O *workshop* rendeu a Roberto Alvim um artigo publicado na revista *OutreScène*, do Teatro Nacional de La Colline, e convites para ministrar cursos fora do Brasil. A experiência no Festival também o inspirou a concluir o seu livro sobre teoria teatral, intitulado *Dramáticas do transumano*, lançado no Brasil em junho de 2012.

Junto aos diretores Enrique Diaz e Antônio Araújo, Roberto Alvim é considerado um dos grandes nomes da nova geração do teatro contemporâneo brasileiro. Em São Paulo, ele dirige a companhia Club Noir ao lado de sua esposa, a atriz Juliana Galdino, e imprime em suas peças um estilo único, marcado pela valorização da palavra em cena e pelos jogos de iluminação, nos quais a penumbra prevalece. No epicentro da cena teatral brasileira, Alvim afirma que festivais internacionais como o Europalia mostram para o mundo a força do nosso teatro. "O Brasil, hoje, está na vanguarda da criação em teatro. Estamos vivendo um momento de exportação de conhecimento, e não mais de importação de velhas fórmulas desgastadas", conclui o diretor.

15 a 30.10.2011
KJBI
Bruxelas, Bélgica





ZÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA & TEATRO OFICINA

Ópera carnavalesca de cinco episódios e 25 cantos inspirada no clássico texto de Eurípedes, *Bacantes* encerrou o Europalia com três dias de apresentações marcadas pela já clássica irreverência de José Celso Martinez Corrêa e seu Teatro Oficina. O Théâtre de la Place, em Liège, reuniu uma plateia numerosa para assistir ao "rito tragicômico-giástico", nas palavras de Zé Celso. Mantendo-se fiel ao caráter antropofágico das suas criações, o diretor incorporou à peça personagens que faziam alusão ao presidente francês, François Sarkozy, e à primeira dama, Carla Bruni.

Com 52 integrantes – entre artistas e técnicos – *Bacantes* teve as cenas externas transformadas por causa das temperaturas muito baixas do inverno europeu. O espetáculo, transmitido pelo site do Teatro Oficina, exigiu ainda a adaptação do próprio Théâtre de la Place, também conhecido como La Manège, o único no país que poderia reproduzir a estrutura do Oficina, em São Paulo, necessária para a encenação. Quatro blocos de arquibancadas, dois mezaninos, palco e um jardim com fonte d'água foram montados ao longo de uma pista de 40 metros de comprimento. "Os técnicos do teatro fizeram questão de comentar que trabalhar conosco foi uma experiência inédita, porque não se tratava de executar um plano frio e pronto, mas sim de encontrar soluções criativas para cada item", conta Ana Rúbia de Melo, diretora de produção da companhia.

"Ao contrário do que acontece no Brasil, a maioria da plateia era formada por pessoas idosas", descreve Ana. "Foram todos receptivos, sem inibição ou desmotivação pelo fato de nosso rito teatral durar seis horas seguidas. Eles se movimentaram, entraram na pista, dançaram e encenaram com os atores", comemora a produtora, acrescentando que a participação no Europalia teve como desdobramento o convite para uma temporada em Lisboa. "A arte venceu. O público mergulhou na maravilhosa máquina de desejos do 'Te-Ato'. Valeu a pena. Mesmo porque 'só a antropofagia nos une'", finaliza, fazendo referência ao lema tropicalista professado pela trupe, há 54 anos em atividade.

13 a 15.01.2012
THÉÂTRE DE LA PLACE
Liège, Bélgica



ALICE RUIZ . ARNALDO ANTUNES
AUGUSTO DE CAMPOS . BEATRIZ BRACHER
BEATRIZ RESENDE . BERNARDO CARVALHO
CHICO ALVIM . CLARICE LISPECTOR
CORDEL . DANIEL GALERA
JOÃO ALMINO . JOÃO UBALDO RIBEIRO

LITERATURA

CONFERÊNCIAS+EXPOSIÇÕES

LOURENÇO MUTARELLI . LU MENEZES
LUIZ EDUARDO SOARES . MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES
MARÍLIA GARCIA . NUNO RAMOS . ODILON MORAES
PAULA GLENADEL . RICARDO DOMENECK
SÉRGIO SANT'ANNA . VERONICA STIGGER . ZUCA SARDAN



Romper com as fronteiras da palavra

Superar a barreira linguística e apresentar ao público do Europalia.Brasil um painel representativo e instigante da produção literária brasileira foi o desafio que mobilizou a curadora Flora Süssekind. Crítica literária e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, ela decidiu levar para a Bélgica e demais países abrangidos pelo Festival um elenco de autores contemporâneos, de várias origens e estilos, sem compromisso com a seleção de *best-sellers*. Para isso, precisou dialogar com as expectativas dos organizadores europeus, que demandavam autores de sucesso comercial internacional e cujo mapa da literatura nacional assinalava pouco mais do que os monumentos Machado de Assis e Jorge Amado. "Além dos clássicos, eles conheciam alguns poucos autores traduzidos tanto para o francês quanto para o holandês, como Clarice Lispector, Milton Hatoun, Chico Buarque, Bernardo Carvalho, João Ubaldo Ribeiro, Garcia Rosa, Veríssimo", diz Flora.

Ubaldo e Carvalho foram destaques da programação organizada pela curadora, que não abriu mão de juntar nomes consagrados a jovens ainda iniciantes, misturando gerações, gêneros e estilos. O elenco composto ia do premiado Sérgio Sant'Anna a jovens escritores, como a contista Veronica Stigger, o romancista Daniel Galera e a poeta Marília Garcia, em palestras e conversas que tiveram como um dos seus grandes momentos a celebração dos 80 anos do poeta Augusto de Campos. A homenagem ao poeta consistiu em uma exposição e em uma noite de leituras e projeções de poemas, com a participação do filho do escritor, o músico Cid Campos, dos compositores Arnaldo Antunes e Adriana Calcanhotto e do poeta Antonio Cícero.

As atividades relacionadas à literatura no Europalia.Brasil foram organizadas a partir de três propostas articuladoras. A primeira foi reunir exemplos do que Flora chama de "literatura em situação", isto é, "em relação com a sua contemporaneidade, com as tensões da sociedade brasileira". Fizeram parte desta linha de programação a palestra do antropólogo, especialista em segurança pública e escritor Luiz Eduardo Soares, uma das mais concorridas do Festival; e a discussão sobre as transformações na condição feminina no Brasil desde meados do século XX, a cargo de Maria Lygia Quartim de Moraes; e os debates sobre literatura feminina, que envolveram Vilma Arêas e Beatriz Resende. Outros eventos discutiram o papel da literatura na reflexão sobre a cultura e a trajetória de regiões brasileiras, como as visões da Amazônia apresentadas por João Almino e Beatriz Bracher. Um painel e uma exposição sobre o cordel brasileiro também valorizaram o regional na literatura.

A mostra sobre cordel foi uma das várias realizadas dentro da programação de literatura do Europalia.Brasil, que também teve exposições de trabalhos em artes visuais de Lourenço Mutarelli, Zuca Sardan e Arnaldo Antunes. Neste segmento, a curadora pretendeu expor a escrita como gesto e como interseção entre letra e desenho, entre o escrever e outras artes. "Não que isso seja propriamente novidade no Brasil, onde sempre houve diálogos entre a literatura e outros meios de expressão artística. Mas, no Brasil contemporâneo, o modo de produção da literatura é fundamentalmente relacional", observa Flora. Na própria homenagem a Augusto de Campos, e na exposição *Verbivocovisual* dedicada a ele, a curadora buscou "chamar a atenção para um modo de pensar a poesia no qual se encontram imbricados a visualidade, a oralidade, a animação digital e os planos diversos em que se realiza a experiência poética".

Reconhecido simultaneamente como destaque na literatura e nas artes visuais, Nuno Ramos apresentou-se não apenas em mesas de debates, mas propôs uma performance que representou outra vertente explorada pela curadoria: a exposição de diferentes formas de pensar, experimentar e realizar o fenômeno literário. Além da performance – também trabalhada pelo poeta Ricardo Domeneck – buscou-se trazer para o âmbito do Festival experiências diversas da literatura, como a sua relação com a música (presente nas apresentações de Arnaldo Antunes), quadrinhos (na mostra dedicada a Mutarelli) e mídias digitais (na mostra de Campos).

A reflexão sobre a produção literária aconteceu em seminários e palestras dos quais participaram escritores com forte consciência crítica, como Bernardo Carvalho, Lu Menezes, Paula Glenadel, Chico Alvim, Domeneck e Sant'Anna, entre outros. Seminários temáticos, realizados em parceria com universidades da França, Alemanha e Holanda, também exploraram a trajetória e os temas da produção brasileira, reunindo críticos brasileiros e estrangeiros.

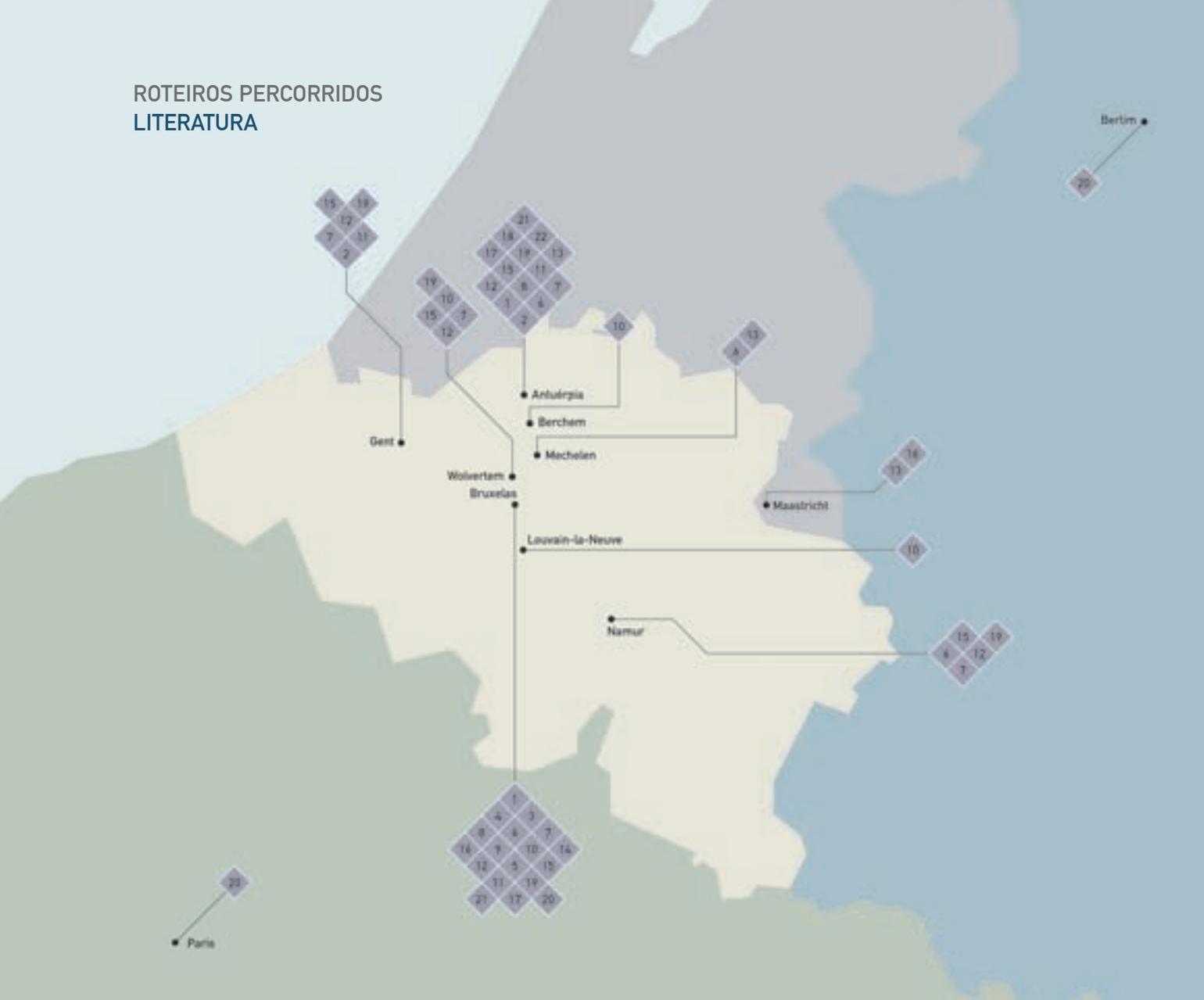
Além dos encontros com o público europeu, o Europalia.Brasil foi uma oportunidade de difusão da literatura nacional em revistas e livros. Pelo menos duas revistas – *Marginales* e *Indications* – dedicaram capa aos autores e aos temas do Festival. E o lançamento, bem recebido pela crítica, de antologias bilíngues de poetas brasileiros contemporâneos – em português e francês e em português e holandês – deixou a expectativa de que os ecos do Festival perdurem entre os europeus pelos próximos anos.

┌
Não é de estranhar (...) que em tantos dos textos reunidos nessa coletânea se refaça exercício (...) de autofiguração do poema e do poeta. Da definição em negativo, de uma poesia da recusa, reiterada por Augusto de Campos em poemas como "morituro", "não me vendo" ou "ningua", ao desconforto expresso em "Alma Corsária", de Cláudia Roquette-Pinto ("o poeta é uma deformidade"); da poética do quase, expressa em "agá", de Arnaldo Antunes, à analogia ao grafite, como na "Mínima Poética", de Paulo Henriques Britto; da atenção ao corpo, como em "Nu", de Arnaldo Antunes, no "Breviário de Secreções", de Ricardo Domeneck, à convivência com as coisas, à vizinhança do mundo, como em "Restis", de Josely Vianna Baptista, em "De polir com areia", de Manoel Ricardo de Lima, em "Coisas assim pardas", de Angela Melim, para ficar em poucos exemplos. Convivência na qual, ao contrário dos textos-retrato dos anos 1970, não se sugere relação especular ou de inequívoca inserção. "Dizer apenas o que não repita/a textura do mundo esvaziado", prescreve a "Mínima Poética", de Paulo Henriques Britto. "A vida não/tudo menos/esta palavra mágica/O mundo talvez/a hipótese de mundo", sugere, por seu turno, um dos poemas de Ronaldo Brito.

Essa interrogação imperativa sobre a natureza e a razão do poema não o aprisionaria, no entanto, numa espécie de armadilha autorreferente. E se houve, da parte de um vasto grupo de escritores brasileiros, nas últimas décadas, um esforço de fuga ao desconforto por meio de um retorno às formas fixas, ao enobrecimento temático, à exibição artesanal ou a algumas das mais habituais chaves-mestras – nacional-populares – da literatura brasileira, essa não foi a regra geral. E na produção mais relevante, a que de fato vem reconfigurando a prática poética no país, essa instabilização se faria acompanhar de uma intensificação crítica da presença do mundo, da consciência material dos meios e do trabalho de escrita e de uma problematização da experiência de formalização por parte do poeta.

Flora Süssekind, trecho da introdução para a antologia *Poesia brasileira hoje*
[*La poésie brésilienne d'aujourd'hui*], Bruxelles: Editora Le Cormier, 2011

ROTEIROS PERCORRIDOS LITERATURA



1. ALICE RUIZ
2. ARNALDO ANTUNES
3. AUGUSTO DE CAMPOS
4. BEATRIZ BRACHER
5. BEATRIZ RESENDE
6. BERNARDO CARVALHO
7. CHICO ALVIM
8. DANIEL GALERA
9. JOÃO ALMINO
10. JOÃO UBALDO RIBEIRO
11. LOURENÇO MUTARELLI

12. LU MENEZES
13. LUIZ EDUARDO SOARES
14. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES
15. MARÍLIA GARCIA
16. NUNO RAMOS
17. ODILON MORAES
18. PAULA GLENADEL
19. RICARDO DOMENECK
20. SÉRGIO SANT'ANNA
21. VERONICA STIGGER
22. ZUCA SARDAN

AUGUSTO DE CAMPOS

As palavras de Arnaldo Antunes, músico, compositor e artista visual, resumem o lugar que o homenageado ocupa na história da literatura brasileira moderna e contemporânea: "É impossível falar em poucas linhas da importância de Augusto para a cultura brasileira dos séculos XX e XXI. Só posso dizer que é o poeta vivo – e ativo – que mais admiro, pela obra poética, tradutória, ensaística; pela inventividade; pelo espírito voltado à experimentação; pela integridade e a generosidade".

No ano em que completou 80 anos, Augusto de Campos, um dos criadores do Grupo Noigandres, que deu origem ao movimento de Poesia Concreta no Brasil, foi homenageado pelo Festival Europalia. Ao lado de seu filho, Cid Campos, ele participou do espetáculo *Poesia é risco*, que uniu música, leitura, tradução e projeção de poemas com a participação de Arnaldo, da compositora e intérprete Adriana Calcanhotto, do poeta Antônio Cícero e do tradutor Jacques Donguy.

Realizado na Prefeitura de Bruxelas, o espetáculo, que coincidiu com o lançamento de antologia de sua obra poética em português-francês, contou com a presença de poetas, tradutores, estudiosos de literatura e artes visuais e teve lotação esgotada. "Sou muitíssimo grata pela oportunidade de estar com os queridos poetas, todos juntos, de conversar com pessoas interessadas no Brasil e na língua portuguesa e, principalmente, de poder cantar para essas pessoas", disse Calcanhotto.

O Festival também apresentou a exposição Verbivocovisual, com curadoria de Flora Süssekind e Júlio Castañon, sobre o poeta. A mostra inaugurou a galeria da embaixada do Brasil em Bruxelas. Segundo Flora, a exposição buscou "chamar a atenção para um modo de pensar a poesia no qual se encontram imbricados a visualidade, a vocalização, a canção, o poema-objeto, a cultura impressa e a digital, os planos diversos em que se realiza a experiência poética, quando se tem em mente uma obra como a de Augusto de Campos".

Campos, que além da antologia teve outros textos vertidos para o francês e o holandês nas novas coletâneas editadas durante o Festival, gostou da festa: "Fiquei muito feliz e muito grato pelo carinho e pela generosidade com que fui tratado, com a exposição que fizeram de meus poemas, o lançamento da antologia e a oportunidade de convívio com outros".

HOMENAGEM A
AUGUSTO DE CAMPOS

07.11.2011
HÔTEL DE VILLE
Bruxelas. Bélgica





EXPOSIÇÃO

09.11.2011 a 15.01.2012
EMBAIXADA BRASILEIRA
Bruxelas, Bélgica



BERNARDO CARVALHO

14.11.2011
DE ZONDVLOED
Mechelen, Bélgica

15.11.2011
ARTESIS HOGESCHOOL
Antuérpia, Bélgica

15.11.2011
LIBRAIRE TROPISMES
Bruxelas, Bélgica

16.11.2011
IESSID – HAUTE ÉCOLE PAUL-
HENRI SPAAK
Bruxelas, Bélgica

17.11.2011
LIBRAIRE POIN VIRGULE
Namur, Bélgica



Fosse em Bruxelas, Mechelen, Antuérpia ou Namur, a atração principal ficava sempre por conta do que é fundamental em literatura: o autor e seus livros. Em cinco ocasiões, Bernardo Carvalho se encontrou com leitores em cidades belgas para falar sobre sua obra.

"Não eram palestras, mas encontros entre um escritor e o público. As pessoas que assistiram aos encontros estavam em geral interessadas no que eu tinha a dizer sobre meus livros", conta Bernardo Carvalho, que acrescenta uma exceção: "Os alunos de uma escola de tradução em Antuérpia, que fizeram perguntas mais específicas".

Se fosse música, o clima de descontração e proximidade dos eventos seria como "um banquinho, um violão" da bossa nova: "No geral, foram encontros muito simpáticos", avalia o escritor.

Nascido em 1960, Bernardo Carvalho publicou nove romances em 13 anos, conquistando prêmios como Portugal Telecom – em 2003, com *Nove noites* – e Jabuti – em 2004, com *Mongólia*.

Além das apresentações no Europalia, Carvalho ganhou destaque na Bélgica na revista especializada em literatura *Indications*, em uma edição dedicada ao romance brasileiro contemporâneo, que publicou um conto e uma entrevista do autor.



JOÃO UBALDO RIBEIRO

João Ubaldo Ribeiro passou pela Bélgica deixando sua marca na imprensa do país. Os jornais já haviam anunciado com grande expectativa os encontros literários e não disfarçaram o encantamento pelo escritor baiano depois de presenciar o bom humor e a fina ironia – que também caracterizam sua prosa escrita – com que conduziu as conversas em quatro cidades belgas.

Um dos momentos destacados se deu quando, em Wolvertem, um jornalista holandês observou que, no aclamado romance *Viva o povo brasileiro*, seus conterrâneos sempre acabavam mal, mortos e devorados por antropófagos. No dia seguinte, a resposta de Ubaldo, que arrancou gargalhadas dos presentes, foi amplamente reproduzida em publicações belgas e holandesas: "Nasci na Ilha de Itaparica. No século XVII, os holandeses tentaram conquistar a Bahia. Pelo menos no meu livro, eles não conseguem escapar e são comidos. O nativo Capiraba descobre que os holandeses têm um gosto muito melhor do que os portugueses e acaba até mesmo mantendo alguns presos para deixá-los engordar e depois consumir".

O escritor comentou que a repercussão acabou gerando uma série de outros compromissos literários: "Pessoalmente, o Europalia significou minha participação em vários eventos culturais, além dos que estavam programados. Tive uma agenda intensa na Bélgica e na Holanda. Acho que a oportunidade de divulgação do Brasil oferecida pelo Festival foi bem aproveitada, e realizações como essa deviam ser mais frequentes".

24.10.2011
CVO MEISE JETTE
Wolvertem, Bélgica

25.10.2011
HALLES UNIVERSITAIRES
Louvain-la-Neuve, Bélgica

25.10.2011
SCVO-TALEN ANTWERPEN
Berchem, Antuérpia, Bélgica

27.10.2011
PALAIS VOOR SCHONE KUNSTEN
Bruxelas, Bélgica



LUIZ EDUARDO SOARES

O cotidiano entre favela e asfalto no Rio de Janeiro, objeto de interesse de jornais, livros e filmes brasileiros e estrangeiros, dessa vez mobilizou os belgas que participaram das palestras do escritor e antropólogo Luiz Eduardo Soares em Mechelen, Maastricht e na Antuérpia. "A receptividade foi muito boa, mas não houve mérito meu: as pessoas se interessavam por mim porque ligavam meu nome ao filme *Tropa de elite*, cujo êxito foi impressionante. E, nas minhas falas, obtive resposta positiva porque a realidade de que falei é mesmo fascinante e desafiadora: o Rio, o Brasil, o engajamento com os direitos humanos e a criação estética em meio a tantas contradições", explica o escritor, que foi secretário nacional de Segurança Pública e coordenador de Segurança, Justiça e Cidadania no governo do estado do Rio de Janeiro.

Coautor de *Elite da tropa* – inspiração do longa-metragem – e de vários outros livros acadêmicos, romances e relatos biográficos, Luiz Eduardo questiona os rótulos literários. "A literatura propriamente ficcional pode ser objeto de leituras que a aproximam de seu tempo histórico, assim como há interpretações que revelam o caráter criativo e construtivo da linguagem testemunhal, descritiva ou histórica", diz o escritor.

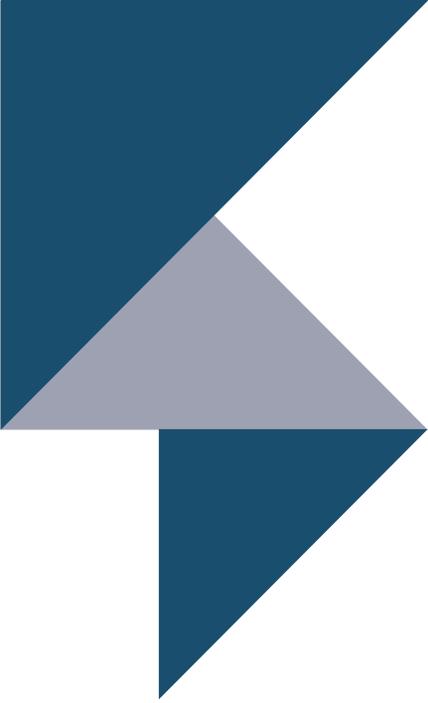
A obra de Luiz Eduardo é produzida na fronteira entre ficção e realidade, literatura, análise acadêmica e testemunho histórico. "Talvez a maior contribuição – se é que há alguma – de minha produção literária esteja na ocupação desse lugar ambíguo, indefinido. Mais do que subverter imagens dominantes sobre os temas abordados, os livros subvertem as identidades conferidas, problematizando ordens culturais estabelecidas", reflete o escritor. Nos encontros com o público, surgem novas questões para alimentar a busca por respostas. "Como pode um escritor ser fiel à liberdade criativa, dialogando com as tradições estéticas, sem perder o fio terra, sem renunciar ao ativismo?", pergunta Luiz Eduardo.

04 e 05.11.2011
DESINGEL
Antuérpia, Bélgica

07.11.2011
UNIVERSITEIT MAASTRICHT
Maastricht, Holanda

08.11.2011
T'ARSENAAAL
Mechelen, Bélgica





NUNO RAMOS

Quando venceu o prêmio Telecom Portugal de Literatura, em 2009, pelo livro *Ó*, o escritor Nuno Ramos teve sua obra definida como "um híbrido de conto, poesia e reflexão (...), cuja característica principal é a irremediável presença das artes visuais". Mas nem a escrita de Nuno é tão multifacetada quanto ele próprio, que também é bacharel em filosofia, pintor, desenhista, escultor, cineasta, cenógrafo e compositor. Por isso, suas duas palestras sobre literatura, uma em Bruxelas, na Bélgica, outra em Maastrich, na Holanda, acabaram se transformando numa miscelânea de todas as suas artes. "Fui apresentado como escritor, iniciei as palestras tendo a literatura como norte, mas acabei, naturalmente, falando de multidisciplinaridade", recorda.

Os belgas ainda puderam apreciar a arte plástica de Nuno, que viaja o mundo com suas obras e já representou o Brasil na Bienal de Veneza de 1995. No Europalia, ele apresentou o *Foda-sefoice*, uma performance encenada no ateliê do artista plástico brasileiro Sidnei Tandler, residente em Bruxelas há 12 anos. "Eram duas mulheres, separadas por um monte de feno, segurando duas foices, cada qual ao lado de um alto-falante, dos quais saíam alternadamente o som do verbo e do substantivo contido na expressão que dá nome à performance. E em cada um desses momentos, uma delas mexia alternadamente a foice. Foi muito interessante", conta Sidnei.

PERFORMANCE

10.11.2011
ATELIÊ SIDNEI TENDLER
Bruxelas. Bélgica

PALESTRAS

14.11.2011
UNIVERSITEIT MAASTRICH
Maastrich. Holanda

16.11.2011
IESSID – HAUTE ÉCOLE PAUL
HENRI SPAAK
Bruxelas. Bélgica





SÉRGIO SANT'ANNA

03.11.2011

SORBONNE NOUVELLE

Paris, França

08.11.2011

SEMINARZENTRUM L 116

Berlim, Alemanha

10.11.2011

EMBAIXADA BRASILEIRA

Bruxelas, Bélgica



O público do Europalia pôde conhecer em primeira mão o novo livro do premiado escritor Sérgio Sant'Anna, que leu para plateias de Paris, Berlim e Bruxelas *Páginas sem glória*, ainda a ser lançado no Brasil. O escritor, que costuma escrever à mão, sem pressa, para só depois passar o texto para um arquivo digital, também leu fragmentos de *O livro de Praga*, título que quebrou um jejum de oito anos sem publicar.

No Europalia, o escritor aproveitou bastante o contato direto com o público do evento. "Houve uma boa interação com as plateias, formadas principalmente por escritores e ensaístas, alguns deles profissionais de universidades das capitais que visitei". Além de fazer duas palestras em português, Sant'Anna aproveitou ainda para assistir a outras apresentações do Festival: "Também participei como ouvinte e eventual interlocutor das mesas formadas para discutir literatura brasileira", contou.



ALICE RUIZ+ DANIEL GALERA+ VERONICA STIGGER

A informalidade imperou na mesa que reuniu a poetisa Alice Ruiz e os escritores Daniel Galera e Veronica Stigger, na Antuérpia. "Foi uma espécie de sarau no porão, realizado em uma casa de filosofia, com bate-papo, audição de canções da Alice Ruiz e apresentações de um violonista brasileiro. O clima era de clube de leitura, com grande interesse e animação de todos os presentes, que se comunicavam numa mistura divertida de português, holandês e inglês", descreve Galera.

A gaúcha Veronica Stigger ficou satisfeita com o preparo dos mediadores belgas, que conheciam bem sua obra. "Uma delas havia ficado impressionada com 'Festa de casamento' [do livro *Gran Cabaret Demenzial*], que é um conto sobre racismo, um texto que não teve a mesma repercussão no Brasil, talvez porque o brasileiro goste de se imaginar um povo despedido de preconceitos", comenta.

O segundo encontro se deu numa biblioteca em Bruxelas e contou com a presença predominante de brasileiros na plateia. "Foi mais um encontro divertido. Ficou clara a necessidade de uma presença maior de livros brasileiros na Bélgica", diz Galera, que gostou de ouvir trechos de seu romance *Mãos de cavalo* lidos em francês pelo mediador. "Nunca tinha escutado meu próprio texto nesse idioma", recorda.

Nos encontros, os autores brasileiros descobriram novas possibilidades para nossos clássicos. "Os belgas leem Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, como um poeta erótico, enquanto aqui no Brasil o erotismo de Drummond me parece estar sempre em segundo plano", analisa Veronica. "Por tudo isso, foi ótimo participar do Europalia", comemora.

15.10.2011
FILOSOFIEHUIS
HET ZOEKEND HERT
Antuérpia, Bélgica

18.10.2011
BIBLIOTHÈQUE
MÉDIATHÈQUE LE PHARE
Bruxelas, Bélgica



ARNALDO ANTUNES+PAULA GLENADEL +RICARDO DOMENECK+ZUCA SARDAN

Se a palavra de ordem do Europalia foi diversidade, o encontro entre os poetas Ricardo Domeneck, Arnaldo Antunes, Zuca Sardan e Paula Glenadel, de gerações, estilos e produções diferentes, no DeSingel International Arts Campus, na Antuérpia, sugere que também a multiplicidade e a interdisciplinaridade foram inspiração.

Ricardo Domeneck, autor de *Sons: arranjo: garganta*, apresentou uma de suas performances nas duas noites do programa intitulado Vamos, Brasil!. "Mesclo trabalhos textuais, sonoros e em vídeo criados em conjunto a partir da tradição oral, como a dos trovadores medievais, em que a poesia é compreendida como um amálgama de vários elementos, não apenas texto, contando ainda como imprescindível a presença do público", descreve o artista, cujo trabalho incluiu peças em colaboração com o duo de música eletrônica Tetine e o produtor musical alemão Uli Buder, conhecido como Akia.

Artista que se alterna entre música, poesia e artes visuais, Arnaldo Antunes é autor de 14 livros; suas gravuras, colagens e ilustrações foram apresentadas em exposições individuais e coletivas. No Europalia, além de participar do debate, expôs seus poemas visuais e participou de um evento em homenagem a Augusto de Campos. Ele enfatiza a importância de iniciativas capazes de combinar vários meios expressivos: "São raros os eventos que abordam e relacionam várias linguagens. Em geral, temos festivais especializados em música, literatura ou artes visuais. Para mim, foi muito gratificante participar do Europalia e mostrar diferentes faces do meu trabalho", disse.

Zuca Sardan também exaltou a oportunidade de unir poesia, conversa e exposição de suas ilustrações. "Em todas as programações, minhas e aquelas a que fui para assistir, notei grande interesse e simpatia por nossa arte e cultura. Além da presença entusiástica de brasileiros – vindos da França, da Holanda e os residentes na Bélgica, onde contamos com numerosa e ativa colônia – também havia o público belga e visitantes holandeses e franceses", conta Sardan, autor de *Aqueles papéis* e *As de colete*.

A poetisa, professora, tradutora e crítica Paula Glenadel também se juntou ao grupo para falar de sua obra. A autora e seus colegas de mesa foram incluídos nas duas antologias bilíngues, organizadas pela curadora de literatura do Europalia, Flora Sússekind, e lançadas durante o Festival.

04 e 05.11.2011
DESINGEL
Antuérpia, Bélgica

EXPOSIÇÃO DE POESIA VISUAL
DE ARNALDO ANTUNES

07 a 30.11.2011
DE CENTRALE
Gent, Bélgica

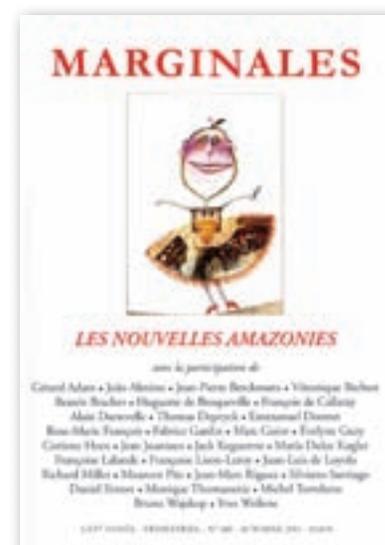


BEATRIZ BRACHER + JOÃO ALMINO

A realização do Europalia incentivou publicações literárias europeias a dedicarem espaço à cultura brasileira. Uma delas foi a conceituada revista belga *Marginales*, que lançou, no início do Festival, uma edição temática voltada para a atualidade da Amazônia. A publicação, que reuniu cerca de 20 autores belgas francófonos, convidou três escritores brasileiros para colaborarem: o diplomata potiguar João Almino; a paulistana Beatriz Bracher e o mineiro Silviano Santiago.

Os dois primeiros participaram de um encontro promovido pelo Festival na Académie Royale de Langue et de Littérature Française de Belgique, em Bruxelas. "Li três passagens de meu romance *Cidade livre*, e respondi a perguntas de um público interessado, composto quase exclusivamente por belgas. Houve ocasião para falar de maneira mais ampla sobre a literatura brasileira", elogiou João Almino. Os trechos lidos por João foram os mesmos publicados pela revista sob o título "Trois voyages en Amazonie" (Três viagens à Amazônia). "O evento foi bem organizado, serviu para divulgar nossa literatura contemporânea e especialmente nossos trabalhos", concluiu.

Silviano Santiago enviou à publicação um texto inédito, "La découverte de l'Amazone" (A descoberta da Amazônia), enquanto Beatriz Bracher colaborou com trechos do romance que vem escrevendo, agrupados sob o título "Fin du monde" (Fim do mundo). Durante a palestra, todos os presentes receberam exemplares da edição da *Marginales*. "A tradução foi muito bem feita e fiquei feliz de ver meu texto publicado na companhia de bons autores belgas", comentou Beatriz.



25.10.2011
ACADÉMIE ROYALE DE LANGUE
ET DE LITTÉRATURE FRANÇAISE DE BELGIQUE
Bruxelas. Bélgica



CHICO ALVIM+LU MENEZES+ MARÍLIA GARCIA+RICARDO DOMENECK

Quatro poetas, de quatro cantos diferentes do país, se juntaram no Europalia: o mineiro Chico Alvim, nascido em 1938, a maranhense Lu Menezes, de 1948, o paulista Ricardo Domeneck, de 1977, e Marília Garcia, carioca de 1979. Nas seis mesas, em cinco cidades da Bélgica, o grupo leu seus poemas e ouviu sua própria obra lida em flamenco e francês. A leitura foi seguida de bate-papo sobre literatura e cultura brasileira.

De todas as ocasiões, Ricardo Domeneck gostou mais da vez em que surgiu o tema sobre o período militar: "A ditadura militar costuma ser ignorada em debates culturais, com algumas exceções, quando ficou claro o quanto os 21 anos de destruição cultural e humana impediram o desenvolvimento intelectual que vinha se fortalecendo no pós-guerra".

O poeta, que estreou com *Carta aos anfíbios* em 2005 e tem poemas traduzidos em sete idiomas, acha que as diferenças entre os participantes escalados enriqueceram a discussão: "Pude discutir as transformações estéticas que aqueles anos acarretaram com Marília Garcia, que é da minha geração. Houve, então, um emaranhado em que estética, ética e política guiaram nossa conversa". Enquanto ele e Marília eram os mais jovens da mesa, Chico Alvim, que, além de poeta, é diplomata, estreou no prelo em 1968 e fez parte da produção que ficou conhecida como Poesia Marginal.

Os quatro autores ficaram felizes com o conhecimento demonstrado pelo público. "Muita gente fazia observações precisas sobre os textos lidos. Além disso, muitos falavam ou estudavam o português e conheciam e citavam referências de poesia brasileira ou portuguesa. Foi uma experiência de troca muito rica", comemora Marília, poetisa, tradutora e coeditora da revista literária *Modo de usar* ao lado de Domeneck.

Lu Menezes, autora de *Fato puro e Conto de fadas*, teve a mesma impressão: "Nos pequenos e agradáveis auditórios de Gent e Namur, fomos muito bem acolhidos por plateias interessadas nas apresentações de poesia. E, em Bruxelas, o nível do debate demonstrou o interesse pela cultura brasileira. Pudemos constatar ao vivo a força com que nosso país se fez representar em suas diversas áreas de atividade artística e intelectual".

"Há um interesse pelo Brasil como produtor de literatura, música, arte, e não apenas pelo Brasil do futebol ou o país que cresce economicamente", completa Domeneck.

28.11.2011

CVO MEISE JETTE
Wolvertem, Bélgica

29.11.2011

LBC BORGERHOUT
Antuérpia, Bélgica

30.11.2011

POËZIECENTRUM
Gent, Bélgica

01.12.2011

ARENBERGSCHOUWBURG
Antuérpia, Bélgica

02.12.2011

MAISON DE LA POÉSIE
Namur, Bélgica

03.12.2011

LIBRAIRIE QUARTIERS LATINS
Bruxelas, Bélgica



Uma belíssima antologia acaba de ser publicada pela *Editions Le Cormier* durante o *Europalia.Brasil 2011*. Um prefácio esclarecedor da crítica Flora Süssekind precede a escolha de 16 poetas contemporâneos. As questões de suas escritas estão relacionadas à própria evolução de seu país. As posições estéticas e formais são a testemunha de um debate entre artista e sociedade.

Maison de la Poesie, 02.12.2011

Um ponto alto da programação literária do *Europalia.Brasil* foi o lançamento de duas antologias de poesia brasileira contemporânea, que vieram preencher uma lacuna percebida pelos autores que tomaram parte no Festival. "Essas publicações vão ajudar poderosamente a cobrir a lamentável e quase completa ausência de obras de referência à nossa poesia. Fora uma antologia bilíngue alemã, pouco ou nada havia de disponível na Europa Central sobre nossa produção posterior a Drummond, Bandeira e Cabral", observou Zuca Sardan, cujos poemas foram publicados nos dois livros.

As edições bilíngues – uma em português-francês, com 16 poetas, outra em português-holandês, com 25 autores, ambas com seleção da crítica literária e curadora de literatura do Festival, Flora Süssekind – foram consideradas impecáveis, tanto na forma quanto no conteúdo, a começar pelo quilate dos tradutores: Patrick Quillier, renomado tradutor francês de Fernando Pessoa e Herberto Helder; e os holandeses Barte Vonck e Harry Lemmens, ambos com extenso histórico de excelência na tradução literária de obras brasileiras e portuguesas. Cada autor teve quatro poemas publicados. "A edição é muito elegante, à moda antiga, páginas unidas à espera de uma faca", comentou em seu blog Ricardo Domeneck, outro autor selecionado por Flora.

As obras foram alvo de resenhas entusiasmadas da imprensa europeia e ampliaram o interesse do público pelos eventos de poesia do Festival, como atesta a poeta Lu Menezes: "Participar do *Europalia* foi a mais intensa e encantadora experiência em meu percurso poético até hoje. O alto nível do debate demonstrou a intensidade e a amplitude do interesse desfrutado pela cultura brasileira entre os belgas. E a edição de duas lindas antologias é lembrança duradoura de inestimável importância".

ANTOLOGIAS



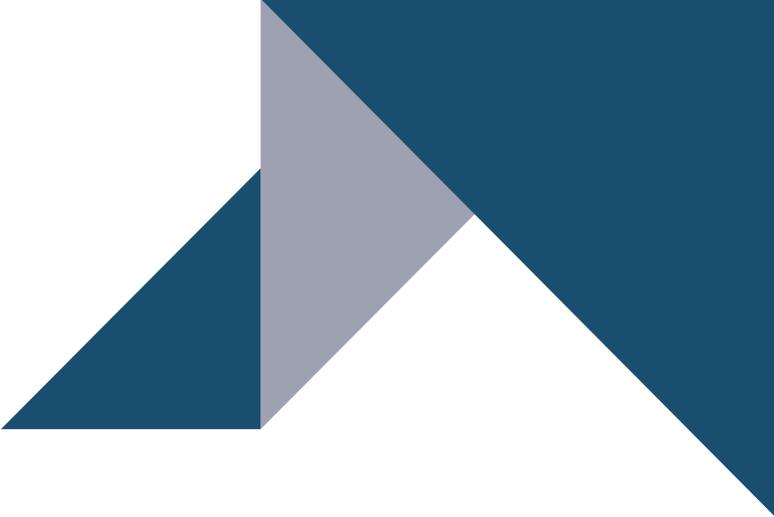
LANÇAMENTO

07.11.2011

PASSA PORTA

Bruxelas, Bélgica





Exposição

CLARICE LISPECTOR+ CONFERÊNCIAS SOBRE CULTURA JUDAICA

Clarice Lispector, capaz de abrir muitas possibilidades e diferentes temas de debate, inspirou, no Europalia, um espetáculo de teatro e dança do coletivo belga-brasileiro Das Marionette, uma exposição sobre sua vida e obra e ainda um ciclo de conferências em torno da cultura judaica no Brasil, da qual Clarice, que nasceu na Ucrânia, seria representante.

As palestras da escritora e professora titular da Unicamp Vilma Arêas tiveram boa participação dos ouvintes. "Nos dois eventos, o conhecimento a respeito da autora não era grande, mas eles demonstravam grande curiosidade sobre o Brasil, sobre Clarice enquanto escritora judia e sobre suas relações com o judaísmo", relata Vilma.

A professora conta que explicou para a plateia de maneira sucinta a formação histórica do país. "Falei sobre o tipo de mestiçagem e as relações porosas e sincréticas das religiões em muitos casos. Clarice, por exemplo, era judia, mas próxima do grupo católico de intelectuais brasileiros. Lia *Imitação de Cristo*; afirmava, entretanto, que era impossível imitá-lo e não por acaso escreveu *A imitação da rosa*, uma história sobre a loucura. Além disso, frequentava cartomantes e participou de um congresso sobre bruxaria", enumera a especialista que, em 2005, recebeu o prêmio APCA na categoria literatura com o ensaio "Clarice Lispector com a ponta dos dedos".

EXPOSIÇÃO

15 a 31.12.2011

MAISON DES ARTS D'UCCLE
Bruxelas, Bélgica





Também apresentaram conferências sobre a cultura de origem hebraica Maria Luiza Tucci Carneiro, professora da USP e historiadora que tem como um dos principais objetos de estudo o antissemitismo, e Nelson H. Vieira, professor de literatura portuguesa e brasileira e de estudos judaicos da Brown University, de Rhode Island, EUA.

Na programação do Europalia em torno de Clarice, uma das principais atrações foi a exposição sobre a autora. "Algo que queríamos mostrar é que a Clarice era tão revolucionária e desmistificadora que contrariava qualquer tipo de 'ismo'. Ela contribuiu muito, na história da literatura brasileira, para afirmar a mulher, em termos de gênero, mas ao mesmo tempo era contra o feminismo", diz Nádia Gotlib, que dividiu a curadoria da exposição com Eliane Vasconcellos.

A mostra também contemplou as várias etapas da vida da escritora, tendo como base a fotobiografia de Clarice publicada por Nádia, uma crítica da associação da autora com a cultura judaica. "Muita gente lê Clarice de maneira setorizada e tende a prender seu trabalho a escolas, quando ela era, por princípio, contra isso: não gostava de etiquetas, de compartimentar. Atualmente, por exemplo, há uma onda de ver Clarice como judia, mas ela era contra judaísmo e contra feminismo. Mas, ao mesmo tempo, foi a mulher que mais entendeu a mulher, a partir de um ponto de vista complexo, não reducionista. Ela era tudo e não era nada, como Fernando Pessoa", compara.

CONFERÊNCIAS

Maria Luiza Tucci Carneiro
15.11.2011

MUSÉE JUIF DE BELGIQUE
Bruxelas, Bélgica

17.11.2011
STADSCAMPUS UNIVERSITEIT ANTWERPEN
Antuérpia, Bélgica

Vilma Arêas
06.12.2011
MUSÉE JUIF DE BELGIQUE
Bruxelas, Bélgica

08.12.2011
STADSCAMPUS UNIVERSITEIT ANTWERPEN
Antuérpia, Bélgica

Nelson H. Vieira
13.12.2011
MUSÉE JUIF DE BELGIQUE
Bruxelas, Bélgica

15.12.2011
STADSCAMPUS UNIVERSITEIT ANTWERPEN
Antuérpia, Bélgica



CORDEL



A exposição que levou a literatura de cordel à Bélgica acabou em repente, garantindo seu lugar entre as atrações mais originais do Europalia.Brasil. "Foi superinteressante ver como o público reunido em uma biblioteca de Bruxelas se identificou com a literatura popular brasileira. Criou uma interação e provocou curiosidade nas pessoas", conta Regina Barbosa, uma das organizadoras do evento, que contou com parte da coleção Raymond Cantel da Universidade de Poitiers, na França, o maior acervo de cordel da Europa, e incluiu ainda mesa-redonda com estudiosos deste gênero de literatura.

O especialista Aderaldo Luciano contou a história da criação e consolidação do cordel em Recife, entre o fim do século XIX e o início do XX. "Ressaltei o caráter único dessa forma poética brasileira, refletindo sobre as diferenças em relação ao cordel português. Falei também do cordel praticado hoje, com seu caráter híbrido, que oscila entre o rural e o urbano sem perder suas características fundamentais", resume Aderaldo, que apresentou repentes ao fim do evento, animando a plateia.

Antes, no entanto, Paulo Teixeira Iumatti, professor da USP, falou sobre os estudos teóricos do cordel que o levaram a um doutorado, em curso, na Universidade de Poitiers. Da mesma instituição é a professora Annick Moreau, que comentou sua experiência como cotradutora de *Charlemagne, Lampião et autres bandits* (*Carlos Magno, Lampião e outros bandidos*), publicado em 2005 pela editora Chandeigne, especializada em títulos em língua portuguesa, além de outros trabalhos que divulgaram o gênero na França.

A imersão belga nos cordéis incluiu ainda uma exposição de cartões-postais organizada pela artista plástica Inez Oludê.

22.10.2011
BIBLIOTHÈQUE
MÉDIATHÈQUE LE PHARE
Bruxelas. Bélgica

23.10.2011
MAISON DU LIVRE
Bruxelas. Bélgica





LOURENÇO MUTARELLI

PALESTRA

04 e 05.11.2011

DESINGEL

Antuérpia, Bélgica

07.11.2011

KASK

Gent, Bélgica

09.11.2011

BIBLIOTHÈQUE DES RICHES-CLAIRES

Bruxelas, Bélgica

EXPOSIÇÕES

19.10 a 31.10.2011

MEKANINK

Antuérpia, Bélgica

09.11 a 03.12.2011

BIBLIOTHÈQUE DES RICHES-CLAIRES

Bruxelas, Bélgica



Comumente associado ao *underground* e ao humor negro, o escritor e quadrinista paulistano Lourenço Mutarelli não entendeu muito bem, a princípio, por que foi convidado a levar uma exposição de seus quadrinhos à Bélgica. "Como não vejo em meu trabalho algo marcadamente nacional, temi frustrar as expectativas do público. Pensei em como se sentiria a maioria dos brasileiros se fosse a uma feira belga e não encontrasse cerveja e chocolate", compara o autor de *O Natimorto* e *O cheiro do ralo*, ambos adaptados para cinema.

Não foi essa incompreensão, porém, que o fez ingressar receoso na Bibliothèque des Riches-Claires, em Bruxelas, onde seus quadrinhos, com personagens grotescos e histórias perturbadoras, foram exibidos em ampliações de proporções monumentais. "Meu constrangimento se deu ao perceber que a plateia era formada em sua maioria por senhoras de idade, que observavam os desenhos atentamente", relembra. Para sua surpresa, elas não só ficaram absolutamente à vontade com o que viram, como também lhe fizeram uma série de perguntas e até pedidos para que desenhasse ali mesmo.

Antes de Bruxelas, Lourenço, munido de uma apresentação de *slides* com imagens de seus quadrinhos, se apresentara também na Antuérpia, onde foi igualmente apreciado, a ponto de ser inesperadamente convidado por um professor a mostrar seu trabalho para turmas de adolescentes de uma escola de ensino médio da cidade de Namur, no sul da Bélgica, o que aceitou prontamente. A essa altura, já havia entendido o porquê de estar ali: "Compreendi que a concepção da mostra era não reforçar os estereótipos sobre nós".



ODILON MORAES

Quando Odilon Moraes foi convidado para participar do Europalia. Brasil com uma exposição itinerante de seus desenhos, o ilustrador e escritor começou a planejar que desenhos mandaria para Bruxelas e Antuérpia. Mas, por uma imprevisível coincidência, a data da viagem coincidiu com o período em que o artista aguardava o nascimento de sua filha, e ele precisou cancelar sua ida.

Apesar de ter permanecido no Brasil, o artista ficou satisfeito com o resultado da exposição, composta por 50 dos seus trabalhos: "Deve ter ficado bacana, porque muitos elogios me chegaram até aqui, inclusive com ofertas de compradores". A seleção incluiu trabalhos feitos como ilustrador para obras de escritores da cepa de Mário de Andrade, Lima Barreto e Ana Maria Machado, e outros que complementam seus próprios livros — é autor dos premiados *A princesinha medrosa*, *Pedro e Lua* e *O presente*. "Eu gostaria imensamente de ter ido, porque na Europa prezam muito o trabalho que faço na literatura infantil: o autor-ilustrador é inclusive uma tradição francesa e belga".

Odilon converteu-se em escritor depois de viver alguns anos em Londres e Paris: "Fui estudar desenho e voltei de lá com essa dupla formação". Autor das ilustrações de mais de 80 livros, ele ficou feliz por ter sido apresentado como um artista brasileiro, já que na Europa não reconheciam em suas ilustrações o calor dos trópicos. "Na França, chegavam a me dizer: 'Seu desenho não é brasileiro. Cadê as cores fortes e quentes?'" , lembra, rindo.

07 a 22.10.2011

BIBLIOTHÈQUE DE L'ESPACE

MAURICE CARÈME

Bruxelas, Bélgica

03 a 06.11.2011

CINEMA NOVA

Bruxelas, Bélgica

14 a 26.11.2011

CENTRE DE LITTÉRATURE
DE JEUNESSE DE BRUXELLES

Bruxelas, Bélgica

05 a 31.12.2011

BIBLIOTHÈQUE
DE COMBLAIN-AU-PORT

Bruxelas, Bélgica

06 a 30.01.2012

BIBLIOTHEEK PERMEKE
Antuérpia, Bélgica





BEATRIZ RESENDE+

MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES

Inspirados pelo fato de o Brasil ter pela primeira vez uma mulher à frente da Presidência da República, os organizadores do Europalia escalaram duas preeminentes estudiosas da sociedade brasileira para abordarem aspectos recentes da trajetória feminina no país. Foram elas Beatriz Resende, professora titular de Poética na UFRJ e Maria Lygia Quartim de Moraes, professora de sociologia e pesquisadora do Núcleo de Estudo de Gênero (Pagu) da Unicamp.

As conferências aconteceram em Bruxelas, na sede da Amazone, uma ONG feminista que tem por praxe servir aprazíveis jantares após as palestras. "É um formato interessante, porque as discussões prosseguem enquanto comemos. No meu caso, o evento entrou noite adentro, pois o debate estava animado", recorda Maria Lygia. Como aconteceu no dia 3 de outubro, véspera da abertura oficial do Festival, o clima era de muita excitação. "O Brasil estava em evidência, com muitas referências na mídia, até porque a presidenta Dilma Rousseff tinha acabado de chegar", acrescenta.

Na palestra denominada "O gênero no Brasil", a professora da Unicamp discorreu sobre o feminismo brasileiro e a importância da participação das mulheres na luta contra a ditadura, com ênfase na geração 1968, fazendo menção à presidenta brasileira no encerramento da palestra. "A referência a Dilma foi o melhor exemplo de superação das sevícias da tortura e da prisão e da persistência dos ideais de libertação e transformação social", explica.

No mês seguinte, foi a vez de Beatriz Resende fazer na Amazone a conferência "Mulheres escritoras brasileiras", que abordou a produção literária feminina brasileira dos anos 1980 até a atualidade, com ênfase na poetisa Ana Cristina Cesar. "Estabelecemos uma conversa altamente proveitosa durante cerca de duas horas, em francês", comenta Beatriz, que elogia o formato do encontro: "A proposta de uma conversa que se realiza durante agradávelíssimo jantar mostrou-se especialmente interessante, por propor uma troca pouco hierarquizada", observa Beatriz, lembrando que o conhecimento da literatura brasileira era baixo, mas a curiosidade, enorme. Encerrado o jantar, ocorreu uma agitada troca de informações. "Procurei fornecer o máximo possível de indicações bibliográficas e de sites", conclui.

O GÊNERO NO BRASIL

03.10.2011

AMAZONE

Bruxelas, Bélgica

MULHERES ESCRITORAS BRASILEIRAS

10.11.2011

AMAZONE

Bruxelas, Bélgica



SEMINÁRIOS

BRASIL, CONSTRUÇÃO, DESCONSTRUÇÃO DO PRESENTE

02.10.2011

UNIVERSITEITSBIBLIOTHEEK LEIDEN
Leiden, Holanda

Organização: Raúl Antelo (UFSC)
e Marianne Wiesebron (Universiteit Leiden)

A (des)construção da política externa independente

Marianne Wiesebron
(Universiteit Leiden)

O corpo em movimento: *pathos* e linguagem. Para repensar o moderno em João Cabral de Melo Neto

Susana Scramim (UFSC)

Memórias, paisagens e fronteiras na literatura afro-brasileira contemporânea

Sara Brandellero
(Universiteit Leiden)

O corpo da cultura / o corpo na cultura

Ana Chiara (UERJ)

Valêncio Xavier: uma construção impossível

Maria Salete Borba (UFSC)

"Parangoromo": interação entre Hélio Oiticica e Haroldo de Campos

Marilene Nagle (Universiteit Leiden)

Nuno Ramos e a profanação do moderno

Raúl Antelo (UFSC)

LITERATURA BRASILEIRA NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

07 a 09.11.2011

SEMINARZENTRUM L 116
Berlim, Alemanha

Organização: Tânia Dias (Ministério da
Cultura do Brasil) e Jobst Welge (Freie
Universität, Berlim)

Noções de cultura literária

Ítalo Moriconi (Uerj) e Augusto Massi (USP)

Graciliano Ramos e as construções de espaços

Friedrich Frosch (Universidade de Viena)

O outro Guimarães Rosa: fragmentos de um diário

Myriam Ávila (UFMG)

A poesia modernista de Mario de Andrade

Regina Lucia Faria (UFRRJ)

Práticas literárias no Brasil contemporâneo

Sérgio Sant'Anna

A ficção de Rodrigo de Souza Leão

Sérgio Medeiros (UFSC)

Poética da alteridade na literatura brasileira contemporânea

Rita Olivier Godet (Université Rennes 2)

Munus e communitas: a identidade negociada e a comunidade ausente na Modernidade brasileira

Ettore Finazzi-Agró (Universidade de Roma
La Sapienza)

Mario de Andrade e Carpentier

Luiza Moreira (Binghamton University)

Confins do romance contemporâneo:

Bernardo Carvalho e Sérgio Chejfec

Jobst Welge (Freie Universität, Berlim)

A voz latino-americana de João Cabral de Melo Neto

Sara Brandellero (Universiteit Leiden)

Barroco mineiro visto de Praga: a experiência brasileira de Vilém Flusser

Romero Freitas (UFOP)

Transformações e permanências na prosa e na poesia brasileiras: do moderno ao contemporâneo

Age de Carvalho

O sujeito lírico: forma obscura

Viviana Bosi (USP)

Sebastião Uchoa Leite e a tradição moderna

Vera Lins (UFRJ)

Poética Reconfigurações: poesia concreta e visual no Brasil e na América hispânica

Jéssica Backe (Universidade
da Califórnia, Berkeley)

A narrativa brasileira hoje: transformações e permanência

Regina Dalcastagne (UNB)

As fábulas de Wilson Bueno

Dirce Waltrick do Amarante (UFRGS)

Reflexões sobre alguns lugares topográfico-literários dos "Amores Expressos"

Susanne Klengel
(Freie Universität, Berlim)

Artifício, realidade, opacidade, verdade: notas sobre literatura contemporânea

Natalia Brizuela (Universidade
da Califórnia, Berkeley)

Poesia e música

Adriana Calcanhotto e Antonio Cicero

INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS DO BRASIL MODERNO E CONTEMPORÂNEO

03.11.2011

SALLE BOURJAC
Paris, França

04.11.2011

MAISON DE LA RECHERCHE DE
LA SORBONNE NOUVELLE
Paris, França

Organização: Vera Lins (UFRJ) e
Jacqueline Penjon (Paris 3)

Ficção brasileira contemporânea

Beatriz Resende (UFRJ)

A prosa de Raduan Nassar

Maria José Lemos (Uerj)

O Poço e o Pêndulo, de Nuno Ramos

Flora Süssekind (FCRN/Unirio)

Poesia contemporânea, criação e tradução: Ana Cristina Cesar

Michel Riaudel (Universidade de Poitiers)

Leitura e conversa

Age de Carvalho

Leitura e conversa

Sérgio Sant'Anna

Clarice Lispector

Marta Peixoto (Universidade
de Nova York)

Graciliano Ramos

Friedrich Frosch (Universidade de Viena)

Guimarães Rosa

Ettore Finazzi-Agró (Universidade
de Roma La Sapienza)

Lima Barreto

Luciana Hidalgo (Uerj/Crepa)

Euclides da Cunha

Francisco Foot Hardmann (Unicamp)

Antonio Candido

Jacqueline Penjon (Paris 3)

Gilberto Freyre

Claudia Poccioni (Paris 3)

Oswald de Andrade

Ítalo Moriconi (Uerj)

Concretismo

Inês Oseki Depré
(Universidade de Provence)

Haroldo de Campos

Sandra Ragueneau
(Universidade de Provence)

Poetas críticos: de Mario Faustino a Sebastião Uchoa Leite

Vera Lins (UFRJ)

Machado de Assis na visão de Roberto Schwarz

Prof. Dolf Öehler (Universidade de Bonn)



CINEMA

ALBERTO CAVALCANTI

ATLÂNTIDA CINEMATOGRÁFICA

EDUARDO COUTINHO . ESMIR FILHO

JORGE BODANZKY . PROVÍNCIA DE NAMUR

SUZANA AMARAL . WALTER SALLES

ANTONIO DAS
MORTES

ANGEL
MANOEL DE OLIVEIRA
ZATERDAG / ZONDAG
26 / 27 NOVEMBER
20:00 / 15:00



NOVEMBER DECEMBER
LAURENTHIA T...

No audiovisual, as muitas caras do Brasil

Representantes dos mais variados gêneros da cinematografia brasileira se encontraram na programação do Europalia. O uso da ordem alfabética fez *Fragments da vida*, filme silencioso dirigido por José Medina em 1929, aparecer logo abaixo de *Eles não usam black tie*, de Leon Hirszman, de 1981, por exemplo. "Isso mostra a diversidade de produção de épocas diferentes", comenta Vivian Malusá, coordenadora de difusão da Cinemateca Brasileira, cuja equipe foi responsável pela curadoria de cinema do festival.

Essa variedade de estilos, gêneros, movimentos, locações e até de temas foi traduzida em 54 filmes distribuídos por 68 sessões em várias salas de cinema da Bélgica ao longo dos mais de três meses do festival.

Para organizar a mostra, além de intensa rotina de conversas com produtores das salas de exibição e do próprio processo de seleção, a equipe da Cinemateca localizou os exemplares já disponíveis com legendas em inglês, francês ou holandês e legendou dez filmes especialmente para o festival. "Não foi simples, mas conseguimos. Tivemos dificuldade, por exemplo, em uma cidade em que só se fala flamenco. Mas como era uma sala não comercial, com um público que aceita legendas em outra língua, exibimos as cópias em inglês", diz Vivian.

A maior concentração dos títulos foi apresentada pela Cinemateca Real da Bélgica. Trinta e dois longas traçaram um panorama histórico da produção brasileira. Entre clássicos do Cinema Novo e Marginal e musicais da Atlântida (cujos cartazes ganharam uma exposição em Namur), *Limite* comemorou seu 80º aniversário, com a exibição de uma cópia restaurada em parceria com a World Cinema Foundation, fundada por Martin Scorsese. "É um marco do filme de vanguarda. Apesar de tratar de temas 'universais', apresenta paisagens genuinamente brasileiras", ressalta Vivian.

Na Antuérpia, a seleção de filmes deu destaque para a pornochanchada e para o filme de horror de Zé do Caixão. "Eles queriam conhecer o cinema fora do circuito comercial. Está havendo uma redescoberta desses filmes", explica a coordenadora. Também não faltaram exemplares do Cinema Novo, movimento cinematográfico conhecido no exterior por seus prêmios em festivais internacionais. "Os europeus ouviram falar, leram muito, mas o acesso mesmo é muito raro".

Em Namur, outro panorama, mas dessa vez de curtas-metragens. E uma sessão de gala com orquestra ao vivo para a exibição de dois clássicos de nosso cinema silencioso.

No Bozar, o Palácio de Belas Artes de Bruxelas, o programa audiovisual teve nos documentários uma de suas principais vertentes. Um dos destaques foi *Tamboro*, de Sérgio Bernardes, de 2009. Apresentado em sessão especial na noite Samba! Samba! Samba!, o filme "abriu o show" da Velha Guarda da Portela, cujos integrantes são personagens desse documentário sobre questões socioambientais brasileiras. A cópia restaurada de *Cabra marcado para morrer*, de Eduardo Coutinho, foi exibida pela primeira vez fora do Brasil. O cineasta, assim como Jorge Bodanzky, Suzana Amaral e Esmir Filho, debateram suas obras com o público.

As crianças também foram lembradas pela curadoria. Tiveram um dia só para elas, com filmes – com poucas falas, adequados ao público de pouca idade – inseridos na mostra Filem'on. "Pensamos em filmes que apresentassem temas e paisagens tipicamente brasileiros, como favela, futebol, floresta, cotidiano etc., e que tivessem o visual como principal meio de contar a história", explica Vivian.

Desconhecido dos europeus, o cinema do Brasil surpreendeu os próprios brasileiros que vivem na Bélgica. Uma homenagem ao cineasta Alberto Cavalcanti, que produziu e dirigiu filmes no Brasil e na Europa nas décadas de 30, 40 e 50, deu ao público a oportunidade de assistir à obra desse artista, pouco familiar para seus conterrâneos.

Além da programação produzida pela Cinemateca Brasileira, parceiros do festival na Bélgica exibiram filmes contemporâneos, como os sucessos de bilheteria *Cidade de Deus* e *Tropa de elite*, além de terem organizado uma mostra especial dedicada ao cineasta Walter Salles.

O Brasil é múltiplo, e o festival pretendia mostrar essa diversidade, mostrar que o país não tem uma cara única, não é feito só de negros ou de índios e que tem vida na capital e vida no interior. Por isso, tanto os longas quanto os curtas mostram a cultura e a vida do brasileiro. A seleção tinha filmes cariocas, filmes rodados no Nordeste, filmes rodados no Sul e filmes que mostram o que é viver em São Paulo.

O Europalia.Brásil permitiu um maior conhecimento sobre os nossos filmes, que estão sendo redescobertos em festivais em outros países. Em janeiro, por exemplo, o Festival de Rotterdam exibiu filmes da Boca do Lixo.

Nossa seleção valorizou o que não é *mainstream*. A escolha de cineastas convidados levou em conta a vontade de apresentar obras de diretores de diferentes perfis, e também a característica de cada parceiro na Bélgica. Todos são cineastas que 'dispensam apresentações', cada um com uma grande história ligada ao fazer cinematográfico.

O maior resultado do Europalia foi ajudar a divulgar nosso cinema, e não apenas esse cinema comercial, que tem mais chances de chegar ao circuito internacional. O festival também divulgou, de modo geral, o que é o Brasil. Talvez isso não tenha um retorno prático, calculável, mas trabalhar com cultura não é muito prático nem calculável mesmo. O lucro é este: é fazer conhecer o Brasil e mostrar que ele não tem uma cara só.

Vivian Malusá, coordenadora de Difusão da Cinemateca Brasileira

Do Cinema Novo dos anos 60, verdadeiro equivalente latino-americano da Nouvelle Vague francesa, ao cinema popular e explosivo de Fernando Meirelles (*Cidade de Deus*) ou José Padilha (*Tropa de elite*), passando pelas pornochanchadas (comédias eróticas muito baratas e independentes) dos anos 70, o cinema é aí uma forma de irreverência e resistência.

Le Soir, 06.10.11

FARNEY

MIMI
PETA

VAGAN

Quant
mais
Samba





Exposição de cartazes da ATLÂNTIDA CINEMATOGRÁFICA

Em comemoração aos 70 anos da companhia Atlântida Cinematográfica, uma exposição de 25 cartazes apresentou um pouco da história do cinema brasileiro ao público do Europalia. Os cartazes ficaram expostos no *foyer* da Maison de la Culture durante o Festival de curtas-metragens Media 10-10, evento anual da província de Namur.

"Fizemos toda a produção, o tratamento e a digitalização das imagens em alta resolução. Enviamos o material em formato digital para a Bélgica para que a impressão e a montagem fossem feitas lá, sem a necessidade de transporte das telas", conta a coordenadora de Difusão da Cinemateca Brasileira, Vivian Malusá.

Fundada em 18 de setembro de 1941 pelos cineastas Moacir Fenelon e José Carlos Burle, a Atlântida Cinematográfica nasceu com um objetivo bem definido: promover o desenvolvimento industrial do cinema brasileiro. Liderando um grupo de empresários e intelectuais apaixonados por cinema, Fenelon e Burle consolidaram a união do cinema artístico com o cinema popular.

A empresa, que lançou no mercado o diretor Carlos Manga e alçou ao topo da fama personalidades como Oscarito e Grande Otelô, produziu 66 filmes entre 1941 e 1962 e representou a primeira experiência brasileira de longa duração na produção cinematográfica.

18 a 25.11.2011
MAISON DE LA CULTURE
Namur, Bélgica





PROVÍNCIA DE NAMUR

O festival de curtas Media 10-10 deu carta branca à Cinemateca Brasileira para elaborar uma programação especial para exibição na Maison de la Culture, na província de Namur, Bélgica. Na programação, obras como *Couro de gato* (1960), episódio dirigido por Joaquim Pedro de Andrade para o emblemático *Cinco vezes favela*; *Ilha das flores* (1989), de Jorge Furtado, um marco do uso da linguagem de videoclipe no cinema; e *Os óculos do vovô* (1913), de Francisco Santos, o mais antigo filme de ficção realizado no Brasil.

A Cinemateca Brasileira também preparou uma seleção de filmes silenciosos para uma noite especial na Maison de la Culture de Namur. Dois clássicos do cinema brasileiro, *Fragments da vida*, de José Medina, e *São Paulo, a symphonia da metrópole*, de Adalberto Kemeny e Rodolfo Rex Lustig, mostraram ao público belga as contradições da vida em uma grande cidade no fim da década de 20. A sessão teve acompanhamento musical ao vivo.

FESTIVAL DE CURTAS
MEDIA 10-10

18.11.2011
MAISON DE LA CULTURE
Namur, Bélgica

CARAMUJO-FLOR
Joel Pizzin, Rio de Janeiro, 2009

CARTÃO VERMELHO
Laís Bodanzky, São Paulo, 1994

COURO DE GATO
Joaquim Pedro de Andrade,
Rio de Janeiro, 1960

ILHA DAS FLORES
Jorge Furtado,
Rio Grande do Sul, 1989

O LENÇOL BRANCO
Juliana Rojas e Marco Dutra,
São Paulo, 2003

MACACO FEIO... MACACO BONITO...
Luiz Seel, Rio de Janeiro, 1929

MALUCO E MÁGICO
William Schocair,
Rio de Janeiro, 1927

OS ÓCULOS DO VOVÔ
Francisco Santos,
Rio Grande do Sul, 1913

FILMES SILENCIOSOS,
ACOMPANHADOS POR TRILHA
SONORA EXECUTADA AO VIVO

10.01.2012
MAISON DE LA CULTURE
Namur, Bélgica

FRAGMENTOS DA VIDA
José Medina, São Paulo, 1929

SÃO PAULO. A SYMPHONIA
DA METRÓPOLE
Adalberto Kemeny e Rodolfo Rex Lustig,
São Paulo, 1929





EDUARDO COUTINHO

A participação de Eduardo Coutinho no Europalia foi marcada por uma grande estreia. Pela primeira vez, foi exibida fora do Brasil a cópia recém-restaurada de *Cabra marcado para morrer*, obra-prima do maior documentarista brasileiro da atualidade. O público do Bozar teve a oportunidade de assistir às imagens dos anos 60 que compõem parte do filme com qualidade inédita, recuperadas pelo trabalho minucioso da Cinemateca Brasileira.

Cabra... reconstitui o assassinato do líder camponês paraibano João Pedro Teixeira através de depoimentos de familiares do ativista e pessoas envolvidas no caso. Sob a acusação de subversão, o filme foi interrompido com o golpe militar de 1964. Em 1981, após a Anistia, o cineasta retoma o projeto, reencontrando os entrevistados da primeira fase e revelando as consequências do período de exceção na vida daqueles personagens e no cotidiano na região.

Edifício Master, sucesso de crítica e público no Brasil e no exterior, também teve presença garantida no Bozar, sendo exibido no mesmo dia. No documentário lançado em 2002, Eduardo Coutinho mostra, de forma muito direta e ao mesmo tempo comovente, a rotina dos moradores de um prédio de 276 conjugados no bairro carioca de Copacabana. "Quem assistiu pode entender um pouco como é a vida de classe média numa metrópole brasileira, num prédio com mais de 500 pessoas vivendo no mesmo lugar. Eles gostaram bastante desse tipo de aproximação", avalia Vivian Malusá, curadora de cinema do Europalia.Brasil. Nessa sessão, Coutinho participou de um bate-papo com a plateia.

DEBATE

23.11.2011

BOZAR

Bruxelas, Bélgica





Cabra marcado para morrer foi restaurado pela equipe da Cinemateca Brasileira, com supervisão técnica da Patricia di Filipi e minha. O trabalho teve como principal desafio lidar com a diferença entre os muitos materiais que compõem o filme. Originalmente, foi feito em 16 mm e ampliado para 35 mm quando do lançamento comercial.

Nesse processo, materiais de 35 mm foram reduzidos para 16 mm e, em seguida, voltaram a ser ampliados. Essas várias gerações levaram à perda significativa da qualidade técnica das imagens do filme. Ao entendermos isso, decidimos pesquisar a existência dos materiais originais. Uma vez localizados, nós os utilizamos como matrizes para remontar o filme digitalmente e, a partir desta nova matriz, fazer o restauro digital.

Devolvemos ao filme a qualidade fotográfica perdida no processamento precário dos nossos velhos laboratórios. O processo digital trouxe especial satisfação por devolver às imagens em preto e branco feitas por Fernando Duarte para o filme de 1964 todo o seu esplendor. Seu domínio dos tons de cinza dentro da modéstia daquela produção do CPC é admirável. Vale a pena rever o filme nesta sua nova roupagem.

Depoimento de Lauro Escorel, *O Estado de São Paulo*, 30.03.2012

MOSTRA FOCUS

23.11.2011

BOZAR

Bruxelas, Bélgica

EDIFÍCIO MASTER

Eduardo Coutinho, Rio de Janeiro, 2002

CABRA MARCADO PARA MORRER

Eduardo Coutinho, Rio de Janeiro, 1984



ESMIR FILHO

O debate sobre *Os famosos e os duendes da morte* fez o cineasta Esmir Filho reviver as emoções de seu primeiro longa. "Quando filmo, vivo um momento bem intenso, me jogo num processo muito intuitivo e vejo meus filmes como uma grande experiência. Estar num debate é a chance de sentir o filme de novo", analisa o diretor, que acredita que o encontro com o público diminui o distanciamento entre o realizador e seu trabalho: "Alguns cineastas não gostam de participar de debates, mas eu adoro. Você não está apenas falando sobre o que fez, mas sim trocando, vindo para onde as pessoas estão olhando, de que forma o filme as tocou. Eu faço cinema por essa possibilidade do diálogo, do encontro e para atingir as camadas da subjetividade humana".

Inspirado no livro homônimo do gaúcho Ismael Caneppele, que também atuou e roteirizou o filme, *Os famosos...* narra a história de um menino introvertido que encontra na internet o meio ideal para se expressar. O fascínio por uma menina e a chegada de um misterioso rapaz à cidade levam o jovem a mergulhar em um mundo além da realidade.

O filme foi exibido na mostra Pink Screens Queer Film Festival, que incorporou o Europalia em sua programação, exibindo também *Pixote, a lei do mais fraco*, de Hector Babenco, e *Como esquecer*, de Malu de Martino. Esmir diz que gostou de ver seu longa na mostra GLS, já que a sexualidade dos personagens, destacada pela curadoria e o público belga, foi um aspecto pouco observado nas apresentações do longa no Brasil. "Falamos da frase 'Estar perto não é físico', relacionada à internet, e também da sexualidade latente que permeia todo o filme", conta o diretor.

Surpresa, sim, para a plateia foi ver um pedaço da Europa em um filme brasileiro, já que a história se passa em uma cidade rural gaúcha de colonização alemã. A maior parte do elenco foi selecionada entre os moradores da região. "Eles diziam: 'Nossa, esse povo é muito parecido conosco; o Brasil é muito grande; a gente consegue ver a grandeza do Brasil em um filme como o seu'", conta Esmir.

Vencedor do Troféu Redentor de Melhor Filme de Ficção e do Prêmio Fipresci da Crítica Internacional, ambos no Festival do Rio 2009, a obra foi premiada na categoria Melhor Diretor Internacional no Festival Internacional de Valdivia, no Chile, e conquistou o prêmio de Contribuição Artística no Festival de Havana, Cuba.

DEBATE

17.11.2011
CINÉMA NOVA
Bruxelas. Bélgica



Liberta-se de *Os famosos e os duendes da morte* uma "claridade obscura", uma mistura de desejo e niilismo, paisagens belas e cotidiano taciturno.

Nicolas Azalbert, *Cahiers du Cinéma*



MOSTRA PINK SCREENS

16 e 17.11.2011

CINÉMA NOVA

Bruxelas, Bélgica

OS FAMOSOS E OS DUENDES DA MORTE

com a presença do diretor

Esmir Filho, Brasil/França, 2009

VIBRACALL

Esmir Filho, 2006





JORGE BODANZKY

Trinta e seis anos depois de ter sido lançado no Brasil e proibido pela Censura do regime militar, *Iracema, uma transa amazônica*, de Jorge Bodanzky e Orlando Senna, ainda suscita debates calorosos onde é exibido. No Europolia.Brasil, a conversa rendeu tanto que precisou ser interrompida pela organização, a contragosto do numeroso público presente na Cinemateca de Bruxelas para ouvir Bodanzky. "Acho que a linguagem do filme, um drama documental, formato que vem sendo muito discutido, e o tema, a destruição da Amazônia, que continua sendo muito atual, contribuíram muito para isso", analisa o diretor, que aplaudiu a iniciativa. "Acho que o Brasil tem de participar desses festivais sempre. A cultura brasileira precisa ser divulgada", diz.

O filme mostra a viagem de um caminhoneiro pela Transamazônica recém-construída, ao lado de uma jovem prostituta indígena. Numa época em que a estrada era exaltada pela propaganda oficial como o feito de um país pujante que criava os caminhos do próprio desenvolvimento, Bodanzky mostrou devastação, pobreza e injustiça. Segundo o diretor, o longa é um dos filmes mais pedidos à Cinemateca Brasileira por instituições estrangeiras. Sua cópia deverá ser restaurada ainda em 2012.

DEBATE

13.11.2011

CINEMATEK

Bruxelas, Bélgica

IRACEMA – UMA TRANSA AMAZÔNICA

Jorge Bodanzky, São Paulo, 1974





SUZANA AMARAL

A cineasta Suzana Amaral foi convidada especial da terceira edição do Festival Elle Tournent, mostra belga dedicada ao cinema produzido por mulheres, que aproveitou o Euroalia.Brasil para dar destaque à paulistana. Embora tenha gostado do convite, Suzana contesta o enfoque de gênero. "Sou contra essa discriminação de cinema produzido por homens e cinema produzido por mulheres. O importante para estar em um Festival de cinema é ser cineasta, não importa se homem ou mulher", ressalva.

A cineasta foi ao Euroalia apresentar o seu filme mais célebre, *A hora da estrela*, de 1985, baseado no livro de Clarice Lispector, e o mais recente, *Hotel Atlântico*, de 2009. *A hora da estrela*, que conta a vida da humilde Macabéa, solitária imigrante nordestina no Rio de Janeiro, concorreu ao Oscar de melhor filme estrangeiro e ganhou mais de 25 prêmios. *Hotel Atlântico* é um *road movie* sobre um ator desempregado que viaja ao sul do país e passa por situações absurdas.

"Todo mundo conhece esses filmes, que já foram bastante vistos fora do país. Mesmo assim, eles foram muito simpáticos; o público foi muito atencioso", disse Suzana, que participou de uma conversa após as exibições no Bozar, o Palácio de Belas Artes de Bruxelas. A cineasta ressaltou que a apresentação é apenas o primeiro passo para tornar mais conhecida a cultura brasileira. "Qualquer Festival é muito importante, na medida em que abre portas. Mas é preciso fazer um trabalho mais constante para gerar novos contatos", pondera.

DEBATE

07.11.2011

BOZAR

Bruxelas, Bélgica

MOSTRA ELLES TOURNENT

HOTEL ATLÂNTICO

Suzana Amaral, São Paulo, 2009

A HORA DA ESTRELA

Suzana Amaral, São Paulo, 1985

30.12.11

CINEMA ZUID

Antuérpia, Bélgica

A HORA DA ESTRELA

Suzana Amaral, São Paulo, 1985





WALTER SALLES

DEBATE
06.11.2011
FLAGEY
Bruxelas. Bélgica

CARTA A V.
Brasil. França. 2007

CENTRAL DO BRASIL
Brasil. França. 1998

SEARCHING FOR "ON
THE ROAD" (trecho)
Brasil/EUA. 2011

SOCORRO NOBRE
Brasil. 1995



Um público de fãs da obra de Walter Salles encheu a plateia do Flagey, em Bruxelas. A Cinemateca da Bélgica promoveu um encontro com um dos diretores brasileiros mais reconhecidos internacionalmente. Além do consagrado *Central do Brasil*, Salles levou três documentários de curta-metragem: *Carta a V.*, dedicado a Vicente Salles, primeiro filho do cineasta; *Socorro nobre*, sobre a presidiária Maria do Socorro Nobre e sua troca de correspondências com o artista plástico Franz Krajcberg; e um trecho de *Searching for "On the Road"*, uma investigação do cineasta sobre o universo do clássico livro *On the Road*, de Jack Kerouac, que serviria de base para a filmagem do longa *Na estrada*. O público aplaudiu intensamente.

No encontro, entre outros temas, o diretor comentou a influência do realismo fantástico italiano em suas criações e lembrou o processo de escolha do menino Vinicius de Oliveira para viver Josué, protagonista de *Central do Brasil* ao lado de Fernanda Montenegro. Durante o debate, Walter Salles também comentou que *Central...* pode ser considerado uma metáfora do próprio país, ao mostrar a diversidade da cultura nacional e a realidade brasileira em constante formação.

A noite de debate foi o ponto alto do ciclo Walter Salles, mostra que recuperou a trajetória do cineasta através de suas principais produções.

Fui com um grupo de amigos: um turco, um espanhol, um belga e um português. Todos saíram com um sorriso no rosto e eram "só elogios". Devemos apoiar o nosso cinema, porque é só através dele que conhecemos a fundo realidades próximas de nós, porém muito distantes daquela do nosso dia a dia!

Carolina Guimarães, blog Conexão Cultural



CICLO WALTER SALLES

01.10 a 21.11.2011

FLAGEY

Bruxelas, Bélgica

ABRIL DESPEDAÇADO

Walter Salles
Brasil, Suíça, França, 2001

ÁGUA NEGRA

Walter Salles
EUA, 2005

CADA UM COM SEU CINEMA (episódio)

Walter Salles, Theo Angelopoulos,
Jane Campion et al.
França, 2007

DIÁRIOS DE MOTOCICLETA

Walter Salles
EUA, Reino Unido, Argentina, Chile,
França, Alemanha, 2004

LINHA DE PASSE

Walter Salles, Daniela Thomas
Brasil, França, 2008

PARIS JE T'AIME (episódio)

Walter Salles, Olivier Assayas,
Gus Van Sant et al.
França, 2006

O PRIMEIRO DIA

Walter Salles, Daniela Thomas
Brasil, França, 1997

TERRA ESTRANGEIRA

Walter Salles, Daniela Thomas
Brasil, Portugal, 1996

27.10.2011

DE CENTRALE

Gent, Bélgica

LINHA DE PASSE

Walter Salles, Daniela Thomas
Brasil, França, 2008

Ciclo

ALBERTO CAVALCANTI

Alberto Cavalcanti (1897-1982), um dos nomes do cinema brasileiro de maior projeção internacional, foi uma das estrelas do Europolia. Uma mostra dedicada ao trabalho do cineasta congregou os esforços da Cinemateca Brasileira e da Cinematek da Bélgica. As duas instituições reuniram obras realizadas em diferentes países pelo diretor, incluindo médias-metragens mudos, curtas, documentários e filmes de ficção produzidos entre as décadas de 1920 e 60.

Acumulando também as funções de roteirista, cenógrafo, produtor, diretor de som, de arte, montador, desenhista de produção, figurinista e ator, Cavalcanti participou de momentos fundamentais da história do cinema brasileiro e mundial. Formado em arquitetura e belas artes, estreou no cinema no início dos anos 20, sob a influência dos movimentos vanguardistas, em Paris, onde lançou *Rien de les heures*, que conta com Jean Renoir no elenco. Na década de 30 mudou-se para a Inglaterra, passando a trabalhar com o cineasta John Grierson, pai da escola inglesa de documentário, e marcando seu trabalho pelo uso preciso do som, como no curta *Coal face*, sobre a vida dos mineiros britânicos. Nos anos 40 ingressou nos Estúdios Ealing, onde dirigiu clássicos como *Champagne Charlie* e o terror *Dead of night*. Em 1949, a convite de Assis Chateaubriand, retornou ao Brasil e ajudou a organizar a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em São Bernardo do Campo, assumindo a direção artística da empresa considerada a Hollywood brasileira.

Para o Estúdio Maristela, depois denominado Kino Filmes, dirigiu seus primeiros filmes em português, como *Simão, o caolho* e *Mulher de verdade*. Esse também foi o período em que redigiu para o presidente Getúlio Vargas o primeiro projeto do futuro Instituto Nacional de Cinema. Deixou novamente o Brasil no fim dos anos 50 e radicou-se na Europa, onde realizou novos filmes, como a adaptação da peça de Bertolt Brecht *Senhor Puntila e seu criado Matti*, e produções para TV. Morreu em Paris em 1982.

01.11 a 31.12.2011
CINEMATEK
Bruxelas. Bélgica





CHAMPAGNE CHARLIE

Alberto Cavalcanti
Reino Unido, 1944

COAL FACE

Alberto Cavalcanti
Reino Unido, 1935

DEAD OF NIGHT

Alberto Cavalcanti, Basil Dearden,
Charles Crichton, Robert Hamer
Reino Unido, 1945

EN RADE

Alberto Cavalcanti
França, 1927

FILM AND REALITY

Alberto Cavalcanti
Reino Unido, 1942

HERR PUNTILA UND SEIN KNECHT MATTI

Alberto Cavalcanti
Áustria, 1956

**THE MONSTER OF
HIGHGATE PONDS**

Alberto Cavalcanti
Reino Unido, 1961

MULHER DE VERDADE

Alberto Cavalcanti
Brasil, 1954

NIGHTMAIL

De Basil Wright, Harry Watt
Diretor de som: Alberto Cavalcanti
Reino Unido, 1936

NOUS NE FERONS JAMAIS LE CINÉMA

Alberto Cavalcanti, França, 1932

LA P'TITE LILI

Alberto Cavalcanti
França, 1927

RIEN QUE LES HEURES

Alberto Cavalcanti
França, 1926

SIMÃO, O CAOLHO

Alberto Cavalcanti
Brasil, 1952

LE TRUC DU BRÉSILIEN

Alberto Cavalcanti
França, 1932

YVETTE

Alberto Cavalcanti
França, 1927

PROGRAMAÇÃO

CINEMATEK

01.11 a 30.12.2011

CINEMATECA REAL DA BÉLGICA
Bruxelas, Bélgica

AINDA AGARRO ESTA VIZINHA

Pedro Carlos Rovai,
Rio de Janeiro, 1974

AMEI UM BICHEIRO

Jorge Ileri e Paulo Wanderley,
Rio de Janeiro, 1952

AS AMOROSAS

Walter Hugo Khouri, São Paulo, 1968

ANJO LOIRO

Alfredo Sternheim, São Paulo, 1973

O BANDIDO DA LUZ VERMELHA

Rogério Sganzerla, São Paulo, 1968

BAHIA DE TODOS OS SANTOS

Trigueirinho Neto, São Paulo, 1960

BYE BYE BRASIL

Carlos Diegues, Rio de Janeiro, 1979

OS CAFAJESTES

Ruy Guerra, Rio de Janeiro, 1962

O CANGACEIRO

Lima Barreto, São Paulo, 1953

CARMEN MIRANDA: BANANA

IS MY BUSINESS
Helena Solberg, Rio de Janeiro, 1994

CARNAVAL ATLÂNTIDA

José Carlos Burle, Rio de Janeiro, 1952

DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL

Glauber Rocha, Rio de Janeiro, 1964

OS DOCES BÁRBAROS

Jom Tob Azulay, Rio de Janeiro, 1977

O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO

Glauber Rocha, Rio de Janeiro, 1969

ELES NÃO USAM BLACK TIE

Leon Hirszman, Rio de Janeiro, 1981

FRAGMENTOS DA VIDA

José Medina, São Paulo, 1929

O GRANDE MOMENTO

Roberto Santos, São Paulo, 1958

IRACEMA – UMA TRANSA AMAZÔNICA

Jorge Bodanzky, São Paulo, 1974

JULIANA DO AMOR PERDIDO

Sérgio Ricardo, São Paulo, 1970

LÍMITE

Mário Peixoto, Rio de Janeiro, 1931

MACUNAÍMA

Joaquim Pedro de Andrade,
Rio de Janeiro, 1969

A MULHER DE TODOS

Rogério Sganzerla, São Paulo, 1969

MULHER DE VERDADE

Alberto Cavalcanti, São Paulo, 1954

PIXOTE: A LEI DO MAIS FRACO

Hector Babenco, São Paulo, 1980

SANGUE MINEIRO

Humberto Mauro,
Minas Gerais, 1929

SÃO PAULO. A SYMPHONIA DA METRÓPOLE

Adalberto Kemény e
Rodolpho Rex Lustig,
São Paulo, 1929

SÃO PAULO S.A.

Luiz Sérgio Person, São Paulo, 1965

SÃO PAULO – SINFONIA E CACOFONIA

Jean Claude Bernardet, São Paulo, 1994

SIMÃO, O CAOLHO

Alberto Cavalcanti, São Paulo

TERRA EM TRANSE

Glauber Rocha, Rio de Janeiro, 1967

TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA

Arnaldo Jabor, Rio de Janeiro, 1972

TRISTE TRÓPICO

Arthur Omar, Rio de Janeiro, 1974

BOZAR

PALAIS DES BEAUX-ARTS
Bruxelas, Bélgica

15.10.2011

SESSÃO ESPECIAL

TAMBORO

Sérgio Bernardes, São Paulo, 2009

07.11.2011

A HORA DA ESTRELA

Suzana Amaral, São Paulo, 1985

HOTEL ATLÂNTICO

Suzana Amaral, São Paulo, 2009

23.11.2011

EDIFÍCIO MASTER

Eduardo Coutinho, Rio de Janeiro, 2002

CABRA MERCADO PARA MORRER

Eduardo Coutinho, Rio de Janeiro, 1984

ZUID

13.11 a 31.12.2011

CINEMA ZUID

Antuérpia, Bélgica

AINDA AGARRO ESTA VIZINHA

Pedro Carlos Rovai, Rio de Janeiro, 1974

BYE BYE BRASIL

Carlos Diegues, Rio de Janeiro, 1979

OS CAFAJESTES

Ruy Guerra, Rio de Janeiro, 1962

O CANGACEIRO

Lima Barreto, São Paulo, 1953

O DESPERTAR DA BESTA

José Mojica Marins, São Paulo, 1969

DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL

Glauber Rocha, Rio de Janeiro, 1964

O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA

O SANTO GUERREIRO

Glauber Rocha, Rio de Janeiro, 1969

A HORA DA ESTRELA

Suzana Amaral, São Paulo, 1985

MACUNAÍMA

Joaquim Pedro de Andrade,

Rio de Janeiro, 1969

PIXOTE, A LEI DOS MAIS FRACO

Hector Babenco, São Paulo, 1980

TERRA EM TRANSE

Glauber Rocha, Rio de Janeiro, 1967

TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA

Arnaldo Jabor, Rio de Janeiro, 1972

PINK SCREENS

14 a 17.11.2011

CINÉMA NOVA

Bruxelas, Bélgica

COMO ESQUECER

Malu de Martino, Brasil, 2010

OS FAMOSOS E OS

DUENDES DA MORTE

Esmir Filho, Brasil/França, 2009

PIXOTE: A LEI DO MAIS FRACO

Hector Babenco, São Paulo, 1980

O BRASIL EM CURTAS

DEPOIS DO ALMOÇO

Rodrigo Diaz, 2009

EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO

Daniel Ribeiro, 2010

EU E O CARA DA PISCINA

William Mayer, 2010

MAIS OU MENOS

Alexander Antunes Siqueira, 2010

NÃO GOSTO DOS MENINOS

Andre Matarazzo e Gustavo Ferri, 2011

TÁ

Felipe Scholl, 2009

VIBRACALL

Esmir Filho, 2006

CINCO MINUTOS

Ricky Mastro, 2008

FILEM'ON

04.11.2011

CINÉMA NOVA

Bruxelas, Bélgica

FILMES INFANTIS

ENSOLARADO

Ricardo Targino, 2010

ERNESTO NO PAÍS DO FUTEBOL

André de Queiroz e

Thais Bologna, 2009

EU QUERIA SER UM MONSTRO

Marão, 2009

O MENINO, A FAVELA

E AS TAMPAS DE PANELA

Cao Hamburger, 1995

NAIÁ E A LUA

Leandro Tadashi, 2010

PASSO

Alê Abreu, 2007





Europalia.Brasil

Curadoria geral

Adriano de Aquino

Curadoria de artes cênicas

João Carlos Couto

Curadoria de artes visuais

Adriano de Aquino

Curadoria de música

Benjamim Taubkin

Curadoria de literatura

Flora Süssekind

Curadoria de cinema

Cinemateca Brasileira

Carlos Magalhães

Vivian Malusá

Equipe do Ministério da Cultura

Ana Carolina Morbach

Ana Júlia Fernandes

Bruno Melo

Eduardo Pareja Coelho

Igor Santana de Miranda

José Augusto de Alencar

José Henrique Martins

Maria Marangón

Martha Mouterde

Raihana Falleiros

Valéria Graziano

Associação Cultural da Funarte

Presidente

Tomás de Aquino Chaves de Melo

Coordenação geral

Marcia Eltz

Produção executiva

Bia Gross

Equipe

Alexandre Basilio

Anna Ladeira

Elisabeth Lopes

Isabela Lima

Marise Lopes

Priscila Malheiros

Rosana Pussenti

Tamara Ferreira

Victor Villas Boas

Equipe da Funarte

Ana Amélia Velloso

Liége Sebalhos

Maura Torres de Carvalho

Rodrigo Guimarães

Rogério Garcia da Silva

Singra de Abreu

Instituições associadas

Funarte – Fundação Nacional das Artes

Antonio Grassi

presidente

IBRAM – Instituto Brasileiro dos Museus

José do Nascimento Jr.

presidente

IPHAN – Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional

Luiz Fernando de Almeida

presidente

FCRB – Fundação Casa de Rui Barbosa

Wanderley Guilherme dos Santos

presidente

Cinemateca Brasileira

Carlos Wendel de Magalhães

diretor executivo

Europalia.International

Presidente

Georges Jacobs Hagen

Comissário geral

Pierre Alain de Smedt

Diretora executiva

Kristine de Mulder

Equipe do Europalia.International

Arnaud de Schaetzen

Bloeme Van Roemburg

Bozena Coignet

Céline Jacquet

Colette Delmontte

Diane Van Hauwaert

Dirk Vermaelen

Inge Vandensande

Marie-Ève Tesch

Marleen De Baets

Artes Cênicas

Curadoria

João Carlos Couto

Assistente de curadoria

Márcia Correa

Literatura

Curadoria

Flora Süssekind

Assistente de Curadoria

Tania Dias

Cinema

Curadoria

Cinemateca Brasileira

Carlos Magalhães

Vivian Malusá

Equipe

Cecília Lara

Daniela Bueno

Morena Maricato

Catálogo

Coordenação geral
Kathryn Valdrighi

Projeto editorial e direção
Anabela Paiva

Coordenação editorial
Ana Beatriz Duarte

Reportagem e textos
Anna Carolina Cardoso

Cláudia Amorim
Débora Póvoa
Macedo Rodrigues
Renata Cunha

Produção
Débora Póvoa

Revisão
Malu Resende

Tradução de textos
Peter Beysen

Transcrição
Liris Ramos

Projeto gráfico
Andréia Resende
Aline Paiva

Assistente
Clarice Pamplona

Tratamento de imagem
Leonardo Costa

Produção gráfica
Sidnei Balbino

Créditos fotográficos

Páginas iniciais:
p.4 (acima), detalhe da exposição de Augusto de Campos, arquivo Flora Süssekind; p.4 (abaixo), Grupo Giramundo, arquivo Funarte; p.12, Estação Central de Bruxelas © Igor Miranda; p.17, Europalia.Brasil Press Conference 21.06.2011 [http://www.flickr.com/photos/europalia/with/5877432016/#photo_5877432016]; p.18 (acima), Club.Brasil © Marcelo Dantas; p.18 (abaixo), © Raihana Falleiros; p.19, abertura do Europalia.Brasil, arquivo Funarte

Artes Cênicas

Abertura: p.25, Cia de Mysterios e Novidades, arquivo Funarte
Balé Folclórico da Bahia: p.30 e 31 (acima), © Foto Vinicius Lima; p.31 (abaixo), © Marisa Viana
Balé Teatro Castro Alves: p.32 e 33, © Claudio Soares
Cena 11 Cia de Dança: p.34 e 35 (abaixo), © Cristiano Prim; p.35 (acima), cenas de vídeo Dani Lima+Alex Cassal: p.36 e 37, © divulgação
Grupo Corpo: p.38, © José Luiz Pederneiras
Lia Rodrigues Companhia de Danças: p.40 e 41, © Sammi Landweer
Marcelo Evelin+Núcleo do Dirceu: p.42 e 43, arquivo Funarte
Marta Soares: p.44, © João Caldas
Membros Cia de Dança: p.46 e 47, © Domink Fricker
Michel Groisman: p.48 e 49, divulgação Mimulus Cia de Dança: p.50 e 51, © Guto Muniz
Quasar Cia de Dança: p.52, © Rubens Cerqueira
Antônio Araújo & Teatro da Vertigem: p.54 e 55, arquivo Funarte
Cibele Forjaz & Mundana Companhia: p.56, arquivo Funarte
Enrique Diaz & Cia dos Atores: p.58, © Peter Pasoli

Grande Companhia de Mysterios e Novidades: p.60 e 61, arquivo Funarte

Grupo Giramundo: p.62, © Acervo Giramundo; p.63, arquivo Funarte
Intrépida Trupe: p.64 e 65, © Mauro Kury
Nau de Ícaros: p.66 e 67 (abaixo), © Cris Von Ameln; p.67 (acima), © Marcelo Soubhia
Pia Fraus: p.68 e 69, arquivo Funarte
Roberto Alvim: p.70, divulgação
Zé Celso Martinez Corrêa & Teatro Oficina: p.72, © Teatro Oficina

Literatura

Augusto de Campos: p.81, exposição, arquivo Flora Süssekind
Clarice Lispector: p.74 e 75; p.93, © Pedro Herzog/Plano B Design
Cordel: p.95, © Patrice Deramaix
registro do evento [<https://www.facebook.com/media/set/?set=oa.483846708311684&type=1>]
Lourenço Mutarelli: p.97, ilustrações do autor
Odilon Moraes: p.99, ilustrações do autor

Cinema

Abertura: p.101 e 102, Antuérpia © Igor Miranda
Cartazes Atlântida: p.107, 108, Namur © Marion Hallet
Eduardo Coutinho, p.110; Jorge Bodanzky, p.114; Suzana Amaral, p.115; Alberto Cavalcanti, p.119, © Cinemateca Brasileira
Esmir Filho: p.113 (esquerda), © Saliva Shots; (direita), © Cinemateca Brasileira
Walter Salles: p.116, Cine in blog, divulgação [<http://cineinblog.atarde.uol.com.br/?p=2883>]; p.117, Sobre luzes e paisagens/Abril Despedaçado © Foto Walter Carvalho [http://www.abrildespedacado.com.br/pt/entrada_pt.htm]
p.122, arquivo Funarte



Parceiros



Ambassade du
Brésil à Bruxelles



Ministério das
Relações Exteriores



Patrocinadores Prata

ambev



BNDES



Patrocinadores Ouro



Tractebel Energia
GDF SUEZ

Patrocinador Diamante



Realização



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

 international arts festival **europalia.brasil** 04.10.2011 ▶ 15.01.2012

Este livro foi impresso na Gráfica Pancrom,
em setembro de 2012.



Realização



Ministério da
Cultura

